

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

CLEYTON JUNIOR DE JESUS XAVIER

CAMINHOS DE UMA PROFISSÃO: reflexões sobre a formação docente nas disciplinas de Estágio Supervisionado no Curso de História Licenciatura Plena na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) - Campus do Sertão.

Delmiro Gouveia

2020

CLEYTON JUNIOR DE JESUS XAVIER

Caminhos de uma profissão: reflexões sobre a formação docente nas disciplinas de Estágio Supervisionado no Curso de História Licenciatura Plena na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) - Campus do Sertão.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), requisito para obtenção de título de Licenciado em História pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) – Campus do Sertão.

Orientadora: Dra. Carla Taciane Figueiredo

Delmiro Gouveia

2020

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

X3c Xavier, Cleyton Junior de Jesus

Caminhos de uma profissão: reflexões sobre a formação docente nas disciplinas de Estágio Supervisionado no curso de História Licenciatura Plena na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) – Campus do Sertão / Cleyton Junior de Jesus Xavier. - 2022.
63 f. : il. ; 30 cm.

Orientação: Carla Taciane Figueiredo.
Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de História. Delmiro Gouveia, 2022.

1. Formação docente. 2. Estágio supervisionado. 3. Ensino e aprendizagem. 4. História – Licenciatura Plena. 5. Universidade Federal de Alagoas – UFAL. 6. Campus do Sertão. I. Figueiredo, Carla Taciane. II. Título.

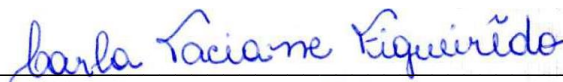
CDU: 378.22

FOLHA DE APROVAÇÃO

AUTOR (A); CLEYTON JUNIOR DE JESUS XAVIER

CAMINHOS DE UMA PROFISSÃO: reflexões sobre a formação docente nas disciplinas de Estágio Supervisionado no Curso de História Licenciatura Plena na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) - Campus do Sertão.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) submetido ao corpo docente da Graduação em Licenciatura em História da Universidade Federal de Alagoas-UFAL e aprovado em 03 de novembro de 2020.



Profa. Dra. Carla Taciane Figueiredo (Orientadora)

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Eltern Campina Vale (Examinador Interno)



Prof. Me. Fernando de Oliveira Junior (Examinador Externo)

A Deus, à minha família, a minha esposa Carla Bruna, e aos meus filhos, Milena, Miguel e Maria que sempre estiveram ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

A Deus que me guia e me orienta em todos os momentos da minha vida, só tenho a agradecer por ter conseguido vencer mais essa batalha. Foi um caminho longo e difícil, percorrido com esforço e dedicação.

A minha família, em especial aos meus pais Arnaldo de Sá Xavier e Maria Aparecida de Jesus Xavier que sempre me incentivaram a estudar e nunca mediram esforços para que eu conseguisse alcançar meus objetivos. Pois apesar das dificuldades, e mesmo não tendo o estudo que desejavam, sempre tiveram em mente que a educação para os filhos era uma coisa importante, uma prioridade.

A minha esposa Carla Bruna Alves da Silva e aos meus filhos Milena Alves Xavier, Miguel Alves Xavier e Maria Heloísa Alves Xavier que são meu alicerce, minha segurança, minha inspiração, meu conforto e meus amores.

A todos os professores que fizeram parte da minha jornada acadêmica na Universidade Federal de Alagoas – UFAL – Campus do Sertão, com seus ensinamentos, discussões, debates e trocas de experiências puderam me agregar valores e conhecimentos.

A minha orientadora Carla Taciane Figueiredo, exímia docente, que com sabedoria e paciência me proporcionou a realização deste trabalho.

Aos meus colegas de trabalho, em especial ao meu parceiro de curso e futuro professor de História, José Gustavo Silva Araújo, pelos momentos de conversas, debates, questionamentos e trocas de conhecimentos ao longo dos anos de convivência.

Ao meu compadre, colega, amigo e irmão Humberto Teixeira, pelas conversas, companheirismo, conselhos e pela paciência que sempre teve disposto a me ouvir e me ajudar.

A todos os colegas de turma, pelo companheirismo, amizade e troca de experiência e conhecimentos ao longo dessa jornada acadêmica, em especial a Ivanilson Martins dos Santos, parceiro de lutas, trabalhos e conquistas dentro da Universidade.

Aos professores das instituições em que se desenvolveram a pesquisa e responsáveis pelas turmas em que os estágios aconteceram, em especial aos professores João de Deus Moreira Santos, Mayara Adriely Lima de Souza, e Egnaldo Ferreira de Souza Junior, responsáveis pelas turmas, que me ajudaram com ideias, ensinamentos e paciência, me possibilitando presenciar uma ótima experiência prática de sala de aula.

Aos funcionários e alunos das escolas: Escola Municipal de Educação Básica Alice Oliveira Santos e Escola Estadual de Educação Básica de Pariconha, palco dos estágios que me possibilitaram vivenciar essa experiência de forma produtiva, agradável e prazerosa.

A identidade não é um dado imutável e nem externo, mas se dá em processo, na construção do sujeito historicamente contextualizado. A profissão de professor emerge em dado contexto e momento históricos, tomando contornos conforme necessidades postas pela sociedade e se constrói a partir dos significados sociais a ela conferidos.

Selma Garrido Pimenta

RESUMO

O Estágio Supervisionado é o momento em que o futuro docente vivencia o ambiente escolar e o ensino. Esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre a formação docente a partir da experiência prática nas disciplinas de Estágio Supervisionado I, II, III e IV desenvolvidas durante o curso de História Licenciatura Plena na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) – Campus do Sertão. Especificamente identificar a regulamentação legal do estágio a partir dos documentos oficiais, caracterizar como se constitui essa legalidade contrapondo a realidade executável durante a prática experienciada nos estágios supervisionados, por fim explicitar os impactos do mesmo na formação docente enquanto futuro licenciado em História. Esse momento é fundamental na construção identitária do professor, sendo assim, esse trabalho apresentou uma abordagem sobre os desafios dessa profissão, refletindo alguns pontos que interferem diretamente na construção do professor de História, tendo as experiências da disciplina Estágio Supervisionado como objeto de estudo. O método histórico crítico orientou os procedimentos heurísticos nessa pesquisa, fundamentando-se na observação participante, o diário de campo, documentos oficiais sobre o Estágio Supervisionado que constituíram fonte da pesquisa, subsidiando a discussão sobre a relação teoria/prática presentes na formação docente. Os resultados demonstram que o Estágio Supervisionado subsidia teoricamente a formação docente, entretanto a dialogia teoria e prática induzem afirmar que se distanciam da realidade empírica, ou seja, as escolas de educação básica onde lecionamos.

Palavras-chave: Estágio supervisionado; Teoria e prática; Formação docente.

ABSTRACT

The Supervised Internship is the time when the future teacher experiences the school environment and teaching. This research aims to reflect on teacher training based on practical experience in the subjects of Supervised Internship I, II, III and IV developed during the Full Degree History course at the Federal University of Alagoas (UFAL) - Campus do Sertão. Specifically, to identify the legal regulation of the internship from the official documents, to characterize how this legality is constituted, opposing the executable reality during the practice experienced in the supervised internships, in order to explain its impacts on the teacher education as a future graduate in History. This moment is fundamental in the identity construction of the teacher, therefore, this work presented an approach on the challenges of this profession, reflecting some points that directly infer in the construction of the History teacher, having the experiences of the subject Supervised Internship as object of study. The critical historical method guided the heuristic procedures in this research, based on the participant observation, the field diary, official documents on the Supervised Internship that constituted the research source, supporting the discussion on the theory / practice relationship present in the teacher training. The results show that the Supervised Internship theoretically subsidizes teacher training, however, the dialogue between theory and practice induces to affirm that they distance themselves from the empirical reality, that is, the basic education schools where we teach.

Keywords: Supervised internship; Theory and practice; Teacher training.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Fachada da Escola Municipal de Educação Básica Alice Oliveira Santos.....	22
Figura 2 - Entrada da escola Alice e pátio central.....	22
Figura 3 – Transporte escolar da Escola Alice.....	23
Figura 4 - Salas da biblioteca e laboratório de informática da escola Alice.....	25
Figura 5 – Interior da sala de aula “7º ano B” na escola Alice.....	27
Figura 6 - Entrada da Escola Estadual de Pariconha.....	31
Figura 7 - Fachada lateral da Escola Estadual de Pariconha.....	32
Figura 8 - Pátio central Escola Estadual de Pariconha.....	32
Figura 9 - Sala da biblioteca da Escola Estadual de Pariconha.....	33
Figura 10 - Sala de computação da Escola Estadual de Pariconha.....	34
Figura 11 - Interior da sala observada “2º ano A” na Escola Estadual de Pariconha.....	37
Figura 12 - Interior da sala observada “2º ano B” na Escola Estadual de Pariconha.....	37
Figura 13 - Grades de proteção das janelas da Escola Estadual de Pariconha.....	39

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	13
2.1 Discutindo os dados observados.....	15
3. CARACTERIZANDO O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: O que “dizem” os documentos oficiais?	17
3.1 O “olhar” do Historiador em formação.....	20
3.1.1 Experiências do Estágio Supervisionado I e II na Escola Municipal de Educação Básica Alice Oliveira Santos.....	21
3.1.2 Experiências do Estágio Supervisionado III e IV na Escola Estadual de Educação Básica de Pariconha.....	30
4. LEGALIDADE X REALIDADE: Reflexões sobre as divergências e convergências do Estágio Supervisionado da Licenciatura em História.....	41
4.1 “MOLDES” DE UMA PROFISSÃO: Impactos do Estágio Supervisionado na construção da minha identidade como professor de História.....	44
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50
APÊNDICES.....	53
APÊNDICE A – Transcrição da entrevista realizada com Mayara Adriely Lima de Souza em 10 de Abril de 2017 em Água Branca/AL.....	53
APÊNDICE B – Transcrição da entrevista realizada com João de Deus Moreira Santos em 15 de Março de 2018 em Água Branca/AL.....	56

1. INTRODUÇÃO

A profissão docente sempre foi palco de constantes debates. Decorrente de uma complexidade própria e dinâmica constante, a docência se insere num contexto conflituoso tanto cientificamente como empiricamente. Partindo desses princípios, essa pesquisa tem como objetivo geral refletir sobre a formação docente, a partir da experiência prática das disciplinas de Estágio Supervisionado I, II, III e IV do curso de Licenciatura em História do Campus do Sertão. Dentro dessa ótica, os objetivos específicos são: identificar a regulamentação legal do estágio a partir das leis e documentos oficiais que asseguram sua legalidade e orientam todos os procedimentos para o seu desenvolvimento. Segundo, caracterizar de que forma o estágio se constitui dentro de sua legalidade, associado ao que realmente acontece diante da realidade prática presenciada no interior das escolas e salas de aulas alvo dos estágios. E o terceiro, busca explicitar os impactos do estágio na minha formação acadêmica enquanto futuro licenciado em História.

Diante dos objetivos apresentados e tendo a escola como campo da pesquisa, local onde se desenvolvem os Estágios Supervisionados, esta se configura como realidade empírica do estudo. A escola é um ambiente onde predomina a diversidade, composta por sujeitos de diferentes gêneros e culturas. A Escola convive diariamente sobre a forte influência da sociedade, conduzido para seu interior pelos funcionários que nela trabalham e principalmente pelos alunos que ali estudam. É um ambiente de constante movimento, que convive com o conflito diário de ideias e ações promovidas pelos sujeitos que comungam desse espaço.

Sendo esse, o contexto onde o acadêmico desenvolve a experiência prática das disciplinas de Estágio Supervisionado surge os seguintes questionamentos: De que forma o estágio se apresenta nos documentos oficiais que o legitimam? Como o estágio está caracterizado dentro de sua legalidade e o que realmente acontece diante de sua realidade prática desenvolvida? E quais os impactos que o estágio ocasionou na minha formação acadêmica e consequentemente na construção de uma identidade docente? Essas serão as problemáticas discutidas e analisadas ao longo desse trabalho de pesquisa. Esses questionamentos servem de orientação para que seja atingido ao objetivo central de refletir sobre a formação docente a partir da experiência prática das disciplinas de Estágio Supervisionado I, II, III e IV, desenvolvidas durante o curso de História Licenciatura Plena na Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus do Sertão.

No Estágio Supervisionado, por se tratar de uma atividade presencial e prática que leva o futuro licenciado a conhecer o dinâmico e desafiador ambiente escolar, o mesmo possui a capacidade de evidenciar um conjunto de ações por parte dos atores ali presentes, sejam elas comportamentais ou emotivas. Esse ambiente é formado por diversidades culturais e identitárias que simultaneamente buscam espaço, reconhecimento e afirmação.

Esse conjunto de manifestações podem ser observados e analisados a partir da experiência do estágio, quando se tem uma interação direta entre docente e seu ambiente de atuação. No desenvolvimento do Estágio Supervisionado é possível vivenciar a prática da sala de aula, articulada as discursões teóricas, sobretudo, vivenciando os desdobramentos dessa relação professor/aluno, teoria/prática.

No Capítulo I são apresentadas as questões formais da pesquisa, e inquietações sobre o objeto de estudo. No capítulo II discorre-se sobre os procedimentos metodológicos da pesquisa, explicitando os instrumentos de coleta de dados, e caracterizando a realidade empírica da pesquisa. No Capítulo III caracteriza-se a realidade de estudo estruturalmente e com base em documentos legais que definem o Estágio Supervisionado.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Importante situar o lugar de origem opção teórica e metodológica. Estes possuem uma política de sentido na prática dessa pesquisa. Concordando que a ciência não possui neutralidade, assim como a pesquisa histórica, esta, é neutralidade sempre almejada desconsidera os processos de agenciamentos e subjetivações nas opções teóricas, e no direcionamento dos instrumentos de pesquisa. Nesse interim, o subsidio dessa pesquisa se fundamenta em dados oficiais, obtidos nas fontes secundárias, como também na pesquisa de campo, a origem e interesse pelo tema decorre da minha experiência no Estágio Supervisionado que explicitou condicionamentos promotores de reflexividade da ação em ser professor de História.

Quanto à abordagem, a pesquisa desenvolvida é de caráter qualitativo. Os instrumentos de coleta de dados se fundamentaram em entrevistas semiestruturadas. As entrevistas por serem semiestruturadas necessitaram da elaboração de um roteiro preliminar de perguntas, reelaborado na medida em que novas questões foram surgindo. Esta técnica possibilitou uma entrevista do tipo pessoal, onde o investigador se apresenta frente ao entrevistado, com formulações de perguntas, objetivando a obtenção de dados que interessem à investigação.

A abordagem qualitativa, segundo Bogdan & Biklen (1994) possui características imprescindíveis para a determinação da investigação, tais como: o ambiente natural como fonte direta dos dados, tendo o investigador como instrumento principal; e os dados analisados minuciosamente possibilita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do objeto de estudo.

A opção pela entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados baseia na possibilidade de uma melhor compreensão da realidade em estudo, pois, segundo Ludke (1986), “por ser um instrumento mais flexível permite o aprofundamento das informações”. Na concepção de Sá (1996) a coleta e interpretação extraídas das entrevistas e das observações sistemáticas dão conta dos fenômenos. O autor defende que esta técnica assegura a consistência teórica do método, pois possibilita que o “não dito” seja revelado.

As entrevistas semiestruturadas foram coletadas com o auxílio de um MP4- gravador de voz, de forma individual, com autorização expressa de cada participante, preservando o anonimato dos mesmos (quando demandado). Posteriormente foi realizada a transcrição na

íntegra de todas as entrevistas coletadas. Referindo-se ao documento gravado Freitas (2006) explica:

O documento gravado, como qualquer tipo de documento, está sujeito a diversas leituras. O procedimento do historiador/pesquisador diante de tal documento deverá ser o mesmo no que concerne sua análise e problematização. A História oral fornece documentação para reconstruir o passado recente, pois o contemporâneo é também História (FREITAS, 2006, p. 46).

A análise das informações prestadas, sujeitos construtores da realidade empírica dessa pesquisa, possibilitou verificar a influência do poder e do predominante discurso legitimado pelos órgãos governamentais e pelas instâncias de poder Municipal, Estadual e Federal. Os instrumentos de coleta de dados são essenciais para as informações obtidas, além disso, a utilização das anotações do diário de campo durante as observações livre e os depoimentos orais coletados nas entrevistas com os atores sociais envolvidos na problemática estudada foram utilizados como instrumentos em complementaridade a pesquisa documental, as informações do Estado da Arte referente à temática.

A opção pela História oral temática e entrevista semiestruturada foi fundamental, pois oportunizou recuperar testemunhos renegados pela História que, de acordo com Freitas (2006) são um registro de reminiscências orais, que se destaca, pois permite a documentação de pontos de vistas diferentes ou até mesmo opostos, e estes normalmente são omitidos ou desprezados pelo discurso do poder, e ficariam condenados ao esquecimento.

O procedimento metodológico fundamentou-se no método histórico que “consiste investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar sua influência na sociedade hoje” (LAKATOS, 2008) e o uso da História oral que de acordo Freitas (2006):

Essa metodologia abre novas perspectivas para o entendimento do passado recente, pois amplifica vozes que não se fariam ouvir. Além de nos possibilitar o conhecimento de diferentes “versões” sobre determinada questão, os depoimentos podem apontar continuidade, descontinuidade ou mesmo contradição no discurso do depoente (FREITAS, 2006, p.49).

Como a especificidade das entrevistas realizadas perpassa por uma temática principal, a formação docente, optou-se pela História oral temática. Assim, Freitas afirma que na História oral temática “[...] a entrevista tem caráter temático e é realizada com um grupo de pessoas, sobre um assunto específico. Essa entrevista, que tem características de depoimento, não abrange necessariamente a totalidade da existência do informante” (FREITAS, 2006, p.21).

Objetivou-se resgatar os respondentes como sujeitos históricos ativos nesse processo, e explicitar as categorias elencadas pertinentes à fundamentação teórica utilizada nesse estudo. De acordo com a autora essa metodologia:

Além de nos possibilitar o conhecimento de diferentes “versões” sobre determinada questão, os depoimentos podem apontar continuidade, descontinuidade ou mesmo contradições no discurso dos depoentes. A maior potencialidade deste tipo de fonte é a possibilidade de resgatar o indivíduo como sujeito histórico. Consequentemente, reativa o conflito entre liberdade e determinismo ou entre estrutura social e ação humana (FREITAS, 2006, p.49).

Freitas (2006) ainda explicita a necessidade de obter depoimentos mais numerosos, pois resulta em maiores quantidades de informações, o que permite uma comparação entre eles apontando divergências, convergências e evidências de uma memória coletiva. É válido ressaltar que tais observações empíricas não se tornariam tão “evidentes” sem modificações no plano da percepção e do conhecimento, e sem o auxílio conceitual e prático dos norteadores desse estudo.

Em fim, através da técnica de História Oral coadunando-se com os objetivos propostos possibilitou a construção de conhecimento pretendido e o despertar para o interesse de graduando para o exercício da iniciação científica e da prática de pesquisa. Sendo a História Oral a designação dada ao conjunto de técnicas utilizadas na coleção, preparo e utilização de memórias gravadas para servirem de fonte a historiadores e cientistas que com essa técnica podem organizar roteiros de entrevistas. A fidelidade aos fatos históricos, e a interpretação dos dados coletados nos arquivos oficiais e institutos históricos, como na memória coletiva, a recuperação das Histórias da vida cotidiana, tudo isso foi condição para trabalhar bem um recurso cultural do ponto de vista de sua aplicação ao conhecimento historiográfico.

2.1. Discutindo os dados observados

Esta etapa da pesquisa se refere ao tratamento das informações coletadas no decorrer deste estudo. Para desenvolver a análise e interpretação dos resultados obtidos, a discussão dos resultados será desenvolvida em momentos distintos: a) leitura da bibliografia referente ao tema, b) levantamento dos dados através da pesquisa de campo e, c) análise dos dados relacionada com fundamentação teórica apresentada.

A realização da análise dos dados coletados permitiu a visualização detalhada e discussão dos mesmos, atendendo aos objetivos e resultados que responderam as inquietações sobre o Estágio Supervisionado e questionamentos pertinentes à temática pesquisada. As informações foram analisadas, concebendo uma análise nos aspectos relativos à ação social e

estrutural, associada às concepções sobre formação docente, teoria, prática, e desenvolvimento profissional do licenciado em História.

Apresentando interesse pelo processo, a análise dos dados realizou-se de forma indutiva, onde as abstrações foram construídas à medida que os dados recolhidos foram agrupados, importando-se pelo significado do fenômeno estudado. Esta ação foi essencial para a reflexão na condição de pesquisador, pois propiciou uma ressignificação dos dados numa busca teórica constante para dar novo sentido ao que foi encontrado durante todo o processo da pesquisa. A discussão dos dados foi realizada de forma dialógica, utilizando a fundamentação teórica e correlacionando diretamente os discursos dos sujeitos da pesquisa.

O roteiro de entrevista que foi utilizado durante a pesquisa de campo compôs um conjunto de dados que permitem análises tanto de informações referente a temática ensino de História, como também, sobre outras dimensões passíveis de análise, tanto a sociocultural histórica local, quanto a legislação de Estágio Supervisionado.

Por fim, a originalidade deste trabalho está em cada momento que conta-se a História, atentando para detalhes miúdos, como os fatos a serem retratados nas entrevistas e observações participantes. Fez-se necessária vigilância epistemológica para manter a originalidade do trabalho de transcrição, de coleta de dados e da análise realizada, haja vista seu potencial interpretativo, aspecto de suma importância nessa pesquisa.

3. CARACTERIZANDO O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: o que “dizem” os documentos oficiais.

O Estágio Supervisionado é um componente curricular obrigatório dentro do curso de formação em História licenciatura Plena na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Ele possui sua legalidade assegurada pela Lei Nº 11.788, de 25 de setembro de 2008 e da RESOLUÇÃO Nº 71/2006 – CONSUNI/UFAL, de 18 de dezembro de 2006, além do Projeto Pedagógico do Curso de História (PPC) que apresenta todas as normas, procedimentos e objetivos a serem cumpridos por cada um dos sujeitos e entidades dentro de cada etapa do estágio.

Segundo Projeto Político Pedagógico do Curso de História – Licenciatura Plena (2009, p.78):

O estágio curricular atende ao disposto no parecer CNE/CP 009/2001 e é oferecido a partir do 5º período. O estágio curricular de caráter formativo constitui parte dos processos de aprendizagem teórico-práticos que integram os Projetos Pedagógicos dos Cursos, sendo inerente à formação acadêmico-profissional. Assim, o Curso de Licenciatura Plena em História está em inteira concordância, por exemplo, quanto ao conhecimento oriundo da experiência, ou seja, aquele que foi formado “na” e “pela” experiência escolar. Não se pode comparar o aprendizado fruto de uma atuação prática, dentro do meio profissional, percebendo e vivendo suas realidades, com aquele aprendizado advindo do ouvir, saber “sobre” tal prática. No entanto, faz-se necessária a atuação paralela do âmbito teórico como forma de enriquecer o resultado da atividade prática/experiencial, pois com uma reflexão embasada do que está sendo feito, será possível observar a experiência, destacar suas nuances, interpretá-la e/ou compreendê-la.

Dessa forma, o Estágio Supervisionado pode ser percebido como um momento em que o aluno constrói o conhecimento pela experiência de uma atuação prática no contexto de ensino ao qual ele está inserido. Experiência essa, que proporcionou visualizar possibilidades e reflexões sobre teorias discutidas na universidade. O conflito de ideias presentes dentro do contexto educacional podem ser analisados e compreendidos quando se tem uma apreciação prática do fato, sendo exercida de forma que possa dialogar com conhecimentos teóricos.

A organização do Estágio Supervisionado em etapas, conforme está estabelecido no Projeto Político Pedagógico do Curso de História – Licenciatura Plena (2009, p. 79) se apresenta da seguinte maneira:

- Estágio supervisionado I – Reflexões sobre a formação de professores de História. Envolve observação em sala de aula do ensino fundamental, em escolas, necessariamente;
- Estágio supervisionado II - Reflexões sobre a formação de professores de História e sua atuação em sala de aula I, bem como sobre os métodos de ensino e

conhecimento dos materiais didáticos próprios para o ensino de História em todos os níveis do ensino fundamental;

- Estágio supervisionado III – Observação em aulas supervisionadas em turmas do Ensino Médio, sendo avaliadas pelo (a) professor (a) regente da turma da escola escolhida para estágio e do (a) professor (a) do estágio, a partir de documento de avaliação;

- Estágio supervisionado IV – Observação, coparticipação e aulas supervisionadas em turmas do Ensino Médio, sendo avaliadas pelo (a) professor (a) regente da turma da escola escolhida para estágio e do (a) professor (a) do estágio, a partir de documento de avaliação.

Os quatro momentos citados também denominados, segundo PPC de História (2009), de Prática Inicial, Prática Intermediária, Processos Pedagógicos e Prática Docente, têm início e desenvolvimento a partir do 5º período do curso. Nesse período a exigência é o cumprimento de 100 horas, de observação em alguma turma do ensino básico, ensino fundamental. Às trezentas horas restantes se distribuem entre o sexto e oitavo período totalizando 400 (quatrocentas) horas, habitualmente o Estágio Supervisionado II, caracteriza-se pela regência em alguma turma do fundamental II, Estágio Supervisionado III, observação de turma do Ensino Médio e por fim o Estágio Supervisionado IV, regência no Ensino Médio. São esses momentos que o futuro docente tem como experiência prática, e subsídio teórico no desenvolvimento profissional de professor de História. Cada Estágio envolve uma dinâmica e um objetivo específico, configurando assim um processo de construção da identidade docente, onde temos as teorias discutidas em sala de aula sendo associadas paralelamente a prática vivenciada no campo de atuação do futuro licenciado.

O Estágio Supervisionado é o momento em que os cursos de formação docente, possibilitam ao aluno a sua inserção prática no seu futuro ambiente de trabalho. Segundo o Manual Acadêmico de Estágio Curricular do Curso de Licenciatura Plena em História (2013), em sua apresentação:

O estágio supervisionado, pode ser definido como um momento privilegiado de estudo, por possibilitar ao futuro licenciado, a aplicação dos saberes e fazeres até então construídos na formação universitária, em confronto com o exercício em instituições educacionais formais ou informais e demais espaços educativos, sob a responsabilidade de um profissional já habilitado, objetivando à integração entre conhecimentos práticos e teóricos que complementam a formação acadêmica do aluno.(BRASIL, 2013, s/p)

O mesmo manual ainda acrescenta: “o estágio curricular, é uma experiência muito peculiar para o futuro educador conhecer, refletir, avaliar e decidir sobre o que fazer diante das situações a serem enfrentadas” (BRASIL, 2013, s/p). Partindo desse princípio, fica evidente o quanto essa disciplina é importante dentro do curso de formação docente,

especificamente, dado que, é um momento crucial do curso, evidenciar a realidade prática das salas de aula em consonância com as teorias debatidas dentro da academia.

O Manual Acadêmico de Estágio Curricular do Curso de Licenciatura Plena em História (2013) também apresenta a finalidade no desenvolvimento do Estágio Supervisionado: “[...] articular teoria e prática, apresentando-se como uma oportunidade de reflexão – ação – reflexão” (BRASIL, 2013, s/p). Seguindo essa ótica ele apresenta como princípios orientadores para atingir essa finalidade:

I – Oportunizar a reflexão-ação das condições estruturantes, concretas e históricas em que acontece a prática pedagógica brasileira no ensino de história.

II – Possibilitar o fomento do saber-fazer ao acadêmico do Curso de História como reflexo dos conhecimentos teóricos adquiridos, construindo habilidades e saberes para atuar de forma qualificada, técnica e comprometida com a transformação da realidade.

III – Garantir ao acadêmico a possibilidade de reflexão sobre o cotidiano escolar, assumindo uma postura crítica aliada à competência técnica e compromisso político do seu papel na sociedade.

IV – Vivenciar nas práticas de estágios supervisionado a aquisição e socialização de habilidades e saberes teórico-metodológicos por meio da elaboração, organização e avaliação do processo ensino-aprendizagem e de Projetos Pedagógicos Alternativos. (BRASIL, 2013, s/p)

Esse conjunto de ações deve estar presente no desenvolvimento do estágio, para que o mesmo possa atingir de forma significativa todos os seus objetivos. São atividades previamente estabelecidas pelos professores supervisores e discentes os quais elaboram e executam um cronograma que atenda às necessidades propostas. Nesse aspecto, o desenvolvimento do Estágio Supervisionando no Curso de História, tem como objetivo principal desenvolver com competência e eficácia todas as etapas dessa disciplina dentro do curso de História.

O desenvolvimento das atividades contidas no Estágio supervisionado, em parceria com o professor orientador é imprescindível e possui um papel de extrema importância. Além de definir os procedimentos metodológicos a ser seguidos na regência prática, o mesmo deve manter o acompanhamento direto no campo de atuação (na escola) com o aluno que desenvolve o estágio. O Manual Acadêmico de Estágio Curricular do Curso de Licenciatura Plena em História (2013), afirma:

Art. 15 - O acompanhamento nas atividades de estágios dar-se-á de conformidade com as seguintes modalidades: direto (acompanhamento contínuo e permanente nos campos das práticas), supervisão semi-direta (acompanhamento em momentos diferentes das atividades de co-participação e intervenção pedagógica). A supervisão a ser realizada pelo orientador deverá constar também de encontros semanais ou quinzenais em dia, horário e local pré-definidos pelo professor orientador, com o

intuito de sanar dúvidas acerca do preenchimento dos formulários e elaboração de relatório.

Esse acompanhamento direto do professor orientador no campo em que está sendo realizadas as atividades possibilita ao discente em formação uma maior segurança, no sentido de poder obter alguns esclarecimentos aos questionamentos surgidos durante as intervenções em aula, as dúvidas pedagógicas, além de possibilitar a discussão de ideias e conhecimentos provenientes da experiência prática que está em desenvolvimento. O mesmo Manual também deixa claro quanto às competências que cada um dos agentes e instituições envolvidos nesse plano de atividades deve exercer. Todos possuem uma responsabilidade estabelecida que atuam em consonância para a obtenção de um resultado produtivo.

Dessa forma, fica evidente que o Estágio Supervisionado vai além de uma disciplina contida num curso de licenciatura. O Estágio Supervisionado possibilita a experiência prática de observar, do fazer, do sentir ser professor. É um momento de refletir e analisar os fenômenos do contexto educacional através de sua vivência e de suas ações dentro da sala de aula.

3.1 O “olhar” do historiador em formação

Vivendo na contemporaneidade, rodeados de vários símbolos, significados, imagens, informações e influências, a instituição escola não é mais tida como única detentora de conhecimentos e saberes (GVIRTZ; LARRONDO, 2006). As salas de aulas fechadas e monótonas tornam-se lugares pouco atraentes. Principalmente aos jovens que vivem rodeados pelo mundo midiático de tantas informações, ilusões e distrações. Esses fatores são refletidos diretamente no espaço escolar, e devem ser compreendidos e contemplados pela instituição e pelos professores. Nessa complexa relação entre professor e aluno, que ocorre no espaço escolar, Schmidt informa o seguinte:

É no espaço da sala de aula que professores e alunos de história travam um embate, em que o professor, novidadeiro do passado e da memória, sente-se com a possibilidade de guiar e dominar em nome do conhecimento. Mas, ao mesmo tempo, ele se sente como um igual e completamente aberto aos problemas e projetos dos seus alunos. (SCHMIDT, 2004 p. 56)

Dessa forma, é possível perceber o quanto é importante estudar e pesquisar esses fenômenos resultantes dessa relação professor/aluno, que acontecem no espaço escolar, a fim de repensar e aperfeiçoar as práticas e metodologias de ensino. Buscando, além do

desenvolvimento pessoal e social do discente, a identificação e pertencimento do docente nesse ambiente, ou seja, é a partir dessa relação que o professor começa a conhecer de forma prática os desafios de sua profissão. Dentro de um curso de formação docente, é a partir do/ no estágio que é vivenciada essa relação entre professor/aluno.

Partindo desse princípio, à necessidade de desenvolver disciplinas no curso de formação de professores, que os aproximam do seu futuro ambiente de trabalho, ou seja, as salas de aulas são imprescindíveis. Esse trabalho tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre a importância do Estágio Supervisionado na formação do professor de História, nesse sentido refletir o espaço escolar em sua dimensão micro analítica propicia uma reflexividade da ação de ser professor. Os quatro estágios (400 horas distribuídos entre as disciplinas Estágio I, II, III, e IV) desenvolvidos durante a participação no curso, são componentes curriculares e são obrigatórios para a conclusão do mesmo.

A observação participante, origem dessa pesquisa, e de muitas inquietações foram desenvolvidos entre os anos de 2016, 2017 e 2018 em duas escolas da rede municipal e estadual de ensino nos municípios de Água Branca/AL e Pariconha/AL. Essa realidade empírica foi utilizada como fonte da pesquisa, já que os mesmos possuem informações qualitativas que podem ser utilizadas através de uma sistematização, análise e compreensão sobre o conflituoso ambiente que envolve a formação docente.

3.1.1- Experiências do Estágio Supervisionado I e II na Escola Municipal de Educação Básica Alice Oliveira Santos¹

A observação participante propiciou explicitar informações qualitativas obtidas no desenvolvimento dos Estágios Supervisionados I e II realizados nos anos de 2016 e 2017 na Escola Municipal de Educação Básica Alice Oliveira Santos respectivamente.

A escola “Alice” como é mais conhecida, é um espaço de ensino novo, com apenas 6 anos de funcionamento e sua estrutura física se apresenta da seguinte maneira: Sua fachada é formada por um muro e um portão de médio porte (Figura 1), e a sua entrada nos leva para o centro da escola, com um grande pátio central (Figura 2), (espaço muito utilizado pelos alunos

¹ Escola da zona rural do Município de Água Branca/AL, localizada no povoado Alto dos Coelhos, a 20 km da cidade. Comporta em média 200 alunos por ano letivo, todos da zona rural, divididos em 8 turmas de 6º ao 9º ano.

no intervalo entre as aulas) rodeado por 12 salas onde quatro são utilizadas para o desenvolvimento das aulas.

A Escola Alice comporta em média 200 alunos por ano letivo, divididos em 8 turmas de 6º ao 9º ano do ensino fundamental II nos horários matutino e vespertino. Cabe ainda ressaltar, que todos os alunos que frequentam esse colégio, são da zona rural, que moram em povoados circunvizinhos, municípios de Água Branca/AL.

Figura 1 – Fachada da Escola.



Fonte: Acervo pessoal de Cleyton Junior de Jesus Xavier

Figura 2 – Entrada da escola e pátio central



Fonte: Acervo pessoal de Cleyton Junior de Jesus Xavier

A Escola Alice comporta em média 200 alunos por ano letivo, divididos em 8 turmas de 6º ao 9º ano do ensino fundamental II nos horários matutino e vespertino. Cabe ressaltar, que todos os alunos que frequentam esse colégio, são residentes na zona rural, moram em povoados circunvizinhos, municípios de Água Branca/AL.

Esses alunos chegam até a escola, através de transportes (ônibus e caminhonetes) disponibilizados pela prefeitura do município conforme (Figura 3). Por se tratar de uma escola na zona rural, de difícil acesso, com estradas sem asfalto, frequentemente acontecem problemas com esses transportes, ocasionando um prejuízo aos alunos que chegam atrasados ou perdem o dia de aula. Um problema que compromete toda programação dos alunos e professores, e consequentemente os primeiros são os mais lesados.

Os períodos chuvosos são os mais complicados, as estradas esburacadas de barro ficam ainda mais difíceis de serem trafegadas. Fator geográfico que interfere diretamente na rotina da escola, dificultando o movimento dos transportes que trazem os alunos, como também, dificulta o deslocamento dos professores que trabalham nessa escola e vem de outras localidades. Durante a realização dos estágios, presenciei três momentos onde as aulas foram suspensas por esses motivos.

Figura 3 – Ônibus que transporta os alunos da Escola Alice



Fonte: Acervo pessoal de Cleyton Junior de Jesus Xavier

O planejamento das atividades curriculares nessa escola é feito mensalmente entre direção, coordenação e corpo docente. Existe o PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola, no entanto, o mesmo no ano da realização do estágio se encontrava desatualizado e tinha sido elaborado por uma antiga gestão. Nessa escola não existe gestão democrática e os cargos de direção e coordenação são comissionados, ou seja, indicados pelo gestor do município.

Segundo a direção: “existe a realização frequente de reuniões pra discutir problemas pedagógicos na escola”. Dependendo do problema, a direção juntamente com a comunidade escolar, desenvolvem reuniões a fim de discutir e tentar resolver os problemas em questão. Sendo necessário às vezes, outros colaboradores: Conselho Tutelar, representantes da Secretaria Municipal de Educação.

Apesar de ser uma escola com pouco tempo de atividade, a mesma possui alguns problemas do ponto de vista físico e estrutural. As salas de aulas, além de serem pequenas, possuem pouca ventilação, dessa forma tornando-se um ambiente pouco agradável, em dias de forte calor, como é uma característica típica dessa região na época do verão, presencia-se um desconforto térmico considerável.

A sala destinada à biblioteca contém uma mesa com algumas cadeiras e três estantes com pouquíssimos livros para serem utilizados por professores e alunos (Figura 4). É uma sala pouco frequentada, tendo em vista que a mesma possui pouco material didático de estudo, como também é pouco atrativa. A sala que chamou bastante atenção nas observações foi o laboratório de informática (Figura 4). Ela é utilizada para guardar livros didáticos, pois até então, nunca chegou nenhum material de informática para a mesma. Nessa sala nunca existiu sequer um computador.

A escola Alice foi construída para atender a demanda de alunos da zona rural do Município de Água Branca, e para proporcionar um ambiente educativo capaz de atender a necessidade de professores e alunos que utilizam seus espaços. Todavia, podemos observar que existe uma deficiência muito grande com relação aos espaços e materiais didáticos disponíveis.

Como o exemplo das salas da biblioteca e laboratório de informática, que evidenciam a precariedade de materiais didáticos disponíveis para professores e alunos. Esse foi o cenário encontrado dentro dos muros dessa escola, uma triste realidade presente no dia a dia de quem trabalha e estuda nesse espaço.

Figura 4 - Salas da biblioteca e laboratório de informática



Fonte: Acervo pessoal de Cleyton Junior de Jesus Xavier

Essas são algumas características do espaço físico encontrado na Escola Alice. O ambiente onde são desenvolvidas as atividades escolares e consequentemente compõe as condições de trabalho que os professores possuem para ministrar suas aulas. Sendo assim, ficam evidentes algumas dificuldades encontradas por professores e alunos, que sem dúvida interfere no processo de ensino-aprendizagem.

A realização desses estágios tiveram dois professores como supervisores: No primeiro Estágio que tem um enfoque pautado mais de observação, a professora supervisora foi Mayara Adriely Lima de Souza, a mesma é formada em Letras pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e estava incumbida de lecionar a disciplina História nessa escola, atuando em uma área diferente de sua formação. Esse é um fator que chamou atenção desde o primeiro dia de realização do estágio. Por que uma professora que é formada em Letras era a responsável por ministrar as aulas de História?

O fato é que existia a carência de um professor de História nessa escola e essa professora mesmo com uma formação diferente foi contratada pela Secretária Municipal de Educação do município para lecionar as aulas de História. Mais de que forma este ensino está sendo realizado? A professora domina os conteúdos a serem ministrados? Que dificuldades ela encontra? De que forma ela se organiza e desenvolve as aulas? Como é sua relação com os alunos? Todos esses questionamentos foram esclarecidos através das observações em sala de aula e com a realização de uma entrevista sistematizada com a mesma.

Após levantamento de dados, foi possível identificar que essa professora possuía algumas dificuldades em ministrar as aulas de História, com relação ao domínio de conteúdo, tendo em vista que sua formação acadêmica estava pautada em conhecimentos diferentes, todavia, esse fator era superado pela competência de organização e dedicação que a mesma exercia. Sempre planejava as aulas com antecedência, estudando os conteúdos e buscando ministrar aulas de forma didática e produtiva. Fazendo com que os alunos pudessem refletir e problematizar sobre tais conteúdos.

No Estágio Supervisionado II o supervisor foi João de Deus Moreira Santos, o mesmo é formado em História pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E estava responsável pelas aulas de História com as turmas de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II.

Após levantamento de dados através das observações participante e entrevistas sistematizadas foi possível identificar alguns problemas que o professor enfrenta no seu dia a dia dentro da sala de aula. A falta de material pedagógico e até mesmo do livro didático em alguns momentos, foram alguns dos problemas mais evidentes que sem dúvida é um fator que interfere diretamente no trabalho do professor e consequentemente no desenvolvimento do ensino/aprendizagem dos alunos.

A profissão docente já é um grande desafio em virtude de todas as influências e habilidades necessárias para o desenvolvimento da mesma. Somada ao contexto na qual está inserida com atores e instituições que atuam diretamente no seu desenvolvimento, e se torna mais complexo quando o professor não possui condições de trabalho favoráveis ao desenvolvimento de suas atividades. Tendo o professor a difícil tarefa e responsabilidade de conduzir e orientar seus alunos de forma produtiva e eficiente no processo de ensino aprendizagem dentro e fora das salas de aula, a precariedade de recursos sem dúvidas é um fator a mais que corrobora para o desenvolvimento de um ensino com deficiências de aprendizado para os alunos.

Figura 5 – Interior da sala de aula “7º ano B” na escola Alice



Fonte: Acervo pessoal de Cleyton Junior de Jesus Xavier

Ao refletir a prática do estágio, com o desenvolvimento das aulas, começamos a entender o sentido do ser professor. É dentro da sala de aula que presenciamos e onde se realiza um “espetáculo” cheio de vida e sobressaltos onde cada aula é única. E dentro desse espetáculo se desenvolve relações pedagógicas tendo a pluralidade em sua essência (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 30). Permeado por essa diversidade de manifestações é que os professores devem fazer dessa aula um sentido prático e social para o aluno.

Nesse sentido, o professor de história ajuda o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias para aprender a pensar historicamente, o saber-fazer, o saber-fazer-bem, lançando os germes do histórico. Ele é o responsável por ensinar ao aluno captar e valorizar a diversidade das fontes e dos pontos de vista históricos, levando-o a reconstruir, por educação, o percurso da narrativa histórica. Ao professor cabe ensinar ao aluno como levantar problemas, procurando transformar, em cada aula de história, temas e problemáticas em narrativas históricas (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 30).

É com esse pensamento que os estagiários adentram as salas de aulas, movidos pelo sabor do fazer prático. Da possibilidade de proporcionar aos alunos os meios de descobrir e construir ideias. Sendo assim, Schmidt e Cainelli (2004) vão afirmar que: “Ensinar História passa a ser então, dar condições ao aluno para poder participar do processo de fazer o

conhecimento histórico, de construí-lo”. Desse modo, o professor consegue fazer com que o aluno se coloque como um agente ativo na construção do seu próprio desenvolvimento.

O problema é que todo esse conjunto de ideias e objetivos em mente, trazidos da universidade pelos estagiários, querendo pôr em prática e vivenciar esse “espetáculo” da sala de aula, se depara com uma série de problemas que podem ser entendidos como algo que já se encontra “naturalizado”, mediante o contexto que se desenvolve a educação, onde professores e alunos estão a todo momento envolvidos por uma relação de tensão e conflitos.

A sala de aula não é apenas o espaço onde se transmite informações, mas o espaço onde se estabelece uma relação em que interlocutores constroem significações e sentidos. Trata-se de espetáculo impregnado de tensões, no qual se torna inseparável o significado da relação entre teoria e prática, ensino e pesquisa. Na sala de aula evidenciam-se de forma mais explícita, os dilaceramentos da profissão de professor e os embates da relação pedagógica (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 31).

No caso dessa pesquisa, as maiores dificuldades encontradas na realização dos estágios I e II foram: indisciplina, conversas paralelas, o uso de celulares e desmotivação dos alunos. Essa última, sendo muito preocupante, pois, por mais que o professor procure meios para incentivar e instigá-los com uma aula voltada ao diálogo, no qual o mesmo expõe o conteúdo e instrumentos que desperte o ato de perguntar, criticar e opinar, o comportamento em sala de aula torna-se imprescindível para o processo de ensino-aprendizagem. Relacionar situações atuais e do conteúdo com experiências práticas do cotidiano tornou a força propulsora no desenvolvimento do Estágio Supervisionado. De acordo com a professora Mayara, uma das principais dificuldades são:

Além do suporte da escola em questão de materiais para ministrar as aulas, é, tem a questão como eu já falei da indisciplina, tem a questão de brigas, não só com o professor, mais também entre os próprios alunos, alguns alunos não se respeitam, tem aluno que não tem respeito pelo professor, tem aluno que não tem respeito pelo colega, então, eu acho que isso é a maior dificuldade pra mim. (Professora Mayara, entrevista concedida ao autor).

Segundo Miceli (2011) uma das principais regras para o bom desempenho da função docente é aquela que recomenda a valorização da experiência cotidiana dos alunos. Todos esses meios, para alguns alunos não surte efeitos. Dessa forma, fica evidente o quanto é conflituoso e desafiador o trabalho docente. O cotidiano da sala, de todos os dias parece ser o mesmo: quase todos os alunos sentam nas mesmas carteiras, além de ficar em pequenos grupos. Uma turma (a maioria meninas) senta na frente, ao centro da sala, e um pequeno grupo (a maioria meninos), sentam nas ultimas carteiras das filas e nas laterais. A exaltação dos alunos é bastante difícil de ser contida, sendo necessária em alguns momentos, a intervenção da direção. Em muitos momentos das aulas ocorriam conversas paralelas, assovios, risadas, barulho de aparelhos celulares, etc., todavia, quando se escreve algum

conteúdo no quadro, a maioria se mantém em silêncio, copiando no caderno. Essa parece ser uma atividade que controla os ânimos e a euforia dos mesmos. Entretanto, é válido ressaltar o processo de disciplinamento dos corpos, como os estudos de Foucault explicam.

No desenvolvimento do Estágio II, uma aula que chamou bastante atenção, onde foi possível uma grande reflexão da prática docente, foi no dia da aplicação de uma avaliação (prova) para os alunos, e com a supervisão do professor. Nesse momento, eles ficaram eufóricos e impacientes. A todo o momento, perguntas são feitas sobre a prova e alguns querem que fale até as respostas. A maioria deles estão preocupados em responder a prova independente da maneira utilizada, seja perguntando ao colega, olhando pelo caderno, ou em anotações feitas nas carteiras e no próprio corpo. Para eles, o mais importante parece ser o de conseguir um bom resultado na prova que ajude a passar de ano, dando pouca importância ao desenvolvimento e aprendizagem que tenham adquirido. Outros parecem não se importar com um resultado negativo e entregam a prova praticamente em branco.

Essa situação tornou explícita a dificuldade do professor em utilizar um instrumento de avaliação propício ao desenvolvimento da reflexividade da ação de ser professor, não é possível verificar pelo menos quantitativamente o processo de ensino-aprendizagem via avaliação.

Alguns alunos que sentam mais a frente, uma minoria, cerca de 10% da sala, se mostram dispostos e preparados em atender e responder o que está sendo proposto na avaliação. Aos poucos eles vão entregando as provas e saindo da sala, ao mesmo tempo, todos vão olhando os cadernos, os livros, ou perguntando a outros colegas sobre as respostas, para conferir se tiveram êxito nessa avaliação.

Sem dúvida, o dia de avaliação é um momento diferente no cotidiano escolar, pois interfere emocionalmente e racionalmente nos alunos, onde apesar de uma maioria, ainda não enxergar a escola e o seu desenvolvimento/aprendizagem como uma ferramenta de ascensão social, ainda se preocupam em conseguir uma nota significativa que leve para a série seguinte. Esses foram alguns dados coletados com relação às observações e aulas ministradas nos estágios I e II com os alunos, que possibilitou entender e vivenciar na prática, um pouco desse campo pluralista e dinâmico que é a sala de aula.

São esses momentos que nos fazem refletir sobre a profissão docente. Essa atitude reflexiva nos desperta um novo olhar, um novo pensamento sobre nossas ações com uma ótica diferente, mais aguçada, (re) significativa, o que contribui ou não no desenvolvimento de

práticas de ensino mais eficientes, que atendam aos objetivos pedagógicos almejados pelos professores dentro da sala de aula. O Estágio Supervisionado proporciona isso, interação prática dentro da sala de aula, fazendo, pensando e refletindo sobre o que está fazendo.

O pressuposto para a formação de um professor reflexivo é inicialmente predisposição para auto-crítica, reconhecimento do processo de ensino-aprendizagem vitalícios. Segundo Alarcão (2003) a complementariedade do autoconhecimento e identificação como profissional de ensino. A interdependência entre o conhecimento de si e assumir a identidade de ser professor são sustentáculos para reflexividade da ação, a interdependência entre desenvolvimento profissional e pessoal.

3.1.2- Experiências do Estágio Supervisionado III e IV na Escola Estadual de Educação Básica de Pariconha²

Esta sessão de escrita apresentam-se alguns dados e informações coletados no desenvolvimento dos estágios III e IV durante o ano de 2018 na Escola Estadual de Educação Básica de Pariconha, que nos ajuda a entender de que forma esse momento prático do curso atua na formação do futuro docente.

A instituição onde se desenvolveu os estágios III e IV foi a Escola Estadual de Educação Básica de Pariconha (Figura 6), a mesma fica localizada no centro da cidade de Pariconha – AL.

A escola Estadual como é mais conhecida, é um espaço de ensino existente há vários anos, no entanto, passou por uma reforma recentemente (2016) e sua estrutura física se apresenta em boas condições de uso, paredes bem pintadas, limpas, piso sem nenhum problema e salas de aulas se encontram com boas condições de trabalho.

Sua fachada é pequena e formada por um muro com grades e um portão de médio porte, sendo uma escola bem localizada geograficamente no centro da cidade e que atende a demanda de alunos vindos dos povoados circunvizinhos, como também da própria cidade. Esse fator geográfico ajuda no funcionamento da escola que não sofre com falta de aulas relacionadas à questão de transportes.

² Escola da rede estadual, situada no centro da cidade de Pariconha/AL. Comporta em média 500 alunos por ano letivo, divididos em turmas do Ensino Médio Regular e o Ensino Médio – EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Figura 6 – Entrada da escola

Fonte: Acervo pessoal de Cleyton Junior de Jesus Xavier

A fachada lateral da Escola Estadual de Pariconha como visível na imagem é composta por um muro com grades (Figura 7). A entrada principal conduz a área central da escola, com um pequeno pátio central, (espaço muito utilizado pelos alunos no intervalo entre as aulas) rodeado por 6 salas destinadas para as aulas e demais destinadas a sala de diretoria, laboratório de informática e robótica, cozinha, biblioteca, banheiros (masculino e feminino), secretaria e diretoria, dispensa e almoxarifado.

A Escola Estadual de Educação Básica de Pariconha é bem localizada no centro da cidade Pariconha/AL, sendo de fácil acesso para todos profissionais, alunos e comunidade que utilizam esse espaço, os alunos vindos de povoados vizinhos são transportados através de ônibus escolar e nas observações realizadas durante o estágio, não foi identificado nenhum problema quanto a esse quesito que pudesse interferir no trabalho dos professores ou na presença dos alunos nas aulas. Fator esse que difere muito da primeira escola analisada anteriormente, onde a falta do transporte escolar já se tornava um problema agravante para o desenvolvimento do trabalho do professor. Essa análise comparativa permite afirmar a necessidade de discussões como realizadas em torno da categoria escola no/do campo, presentes no campo de conhecimento da geografia.

Figura 7 – Fachada lateral da escola



Fonte: Acervo pessoal de Cleyton Junior de Jesus Xavier

Como informado o pátio central da escola (Figura 8) é um espaço de sociabilidade dos estudantes, e lugar onde se constroem a memória individual e coletiva dos atores sociais que compõe a Escola.

Figura 8 – Pátio central



Fonte: Acervo pessoal de Cleyton Junior de Jesus Xavier

Apesar de ser uma escola em ótimo estado de conservação, a mesma possui alguns problemas do ponto de vista físico e estrutural. As salas de aulas, além de serem pequenas e escuras, sendo necessário a utilização de luz artificial durante o dia, possuem apenas ventiladores como equipamentos de climatização. Dessa forma, tornando-se um ambiente pouco agradável, em dias de forte calor. Com uma reforma realizada em 2016, as salas foram adaptadas para a instalação de aparelhos (ar condicionados) mais eficazes, no entanto, na realização do estágio, esses mesmos ainda não tinham sido instalados. É importante destacar que a região semiárida no Brasil tem um clima característico, com variação de amplitude térmica, temperaturas elevadas durante os meses de verão, decorrendo num desconforto térmico que interfere diretamente no processo de ensino-aprendizagem.

A sala destinada à biblioteca funciona mais como um “depósito de livros”, sem organização, com algumas estantes e pouquíssimos livros (a maioria didáticos) para serem utilizados por professores e alunos (Figura 9). Outra sala que chamou bastante atenção nas observações foi a destinada ao laboratório de informática e robótica (Figura 10). Apesar de está equipada com computadores e demais aparelhos, a mesma não tem funcionamento para os alunos. Segundo informação da Gestão, ainda não existe um profissional capacitado para a utilização desses recursos e para orientação dos alunos. Um cenário que evidencia a precariedade de materiais didáticos e funcionamento em alguns setores do ambiente escolar.

Figura 9 – Sala da biblioteca



Fonte: Acervo pessoal de Cleyton Junior de Jesus Xavier

Figura 10 – Sala de computação

Fonte: Acervo pessoal de Cleyton Junior de Jesus Xavier

A Escola Estadual de Educação Básica de Pariconha é uma escola de médio porte e funciona nos turnos vespertino e noturno. Comporta em média 500 alunos por ano letivo, atualmente contando com 471 (quatrocentos e setenta e um) alunos matriculados no SAGEAL: 247(duzentos e quarenta e sete) no turno vespertino e 224 (duzentos e vinte e quatro) no noturno, divididos em turmas do Ensino Médio Regular e o Ensino Médio – EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Vale ainda ressaltar, que grande parte dos alunos que frequentam esse colégio, residem na zona rural. No turno vespertino, 63% e no noturno esse percentual é de 62% segundo PPP (Projeto Político Pedagógico) 2017. Esses alunos moram em povoados circunvizinhos, municípios de Pariconha/AL e vêm para a escola, através de transporte (ônibus e caminhonetes) disponibilizado pela unidade mantenedora: Secretaria de Educação do Estado de Alagoas – SEDUC.

O principal documento norteador da ação da escola é o PPP (Projeto Político Pedagógico) que se encontra atualizado no ano corrente 2017. Nele está exposta toda organização histórica, política, econômica e social da escola, como também, estabelece metas e objetivos a serem alcançados. Foi elaborado por uma comissão escolar composta por quatro segmentos: segmento professor, segmento funcionário, segmento pai de aluno e segmento aluno. Além do PPP a escola também conta com o conselho escolar: esse órgão de decisão foi implantado em 2001, criado como meio e condição para implantação do processo eleitoral para escolha do gestor escolar, principalmente, por ser mecanismo de democratização da

escola. Desde então, a cada dois anos é realizada eleição para renovação. Esse órgão é responsável pela execução e acompanhamento da escola em suas ações de caráter administrativo, pedagógico e financeiro, formado pela representação paritária dos segmentos professores, funcionários, alunos e pais de alunos, composto por 04 (quatro) membros de cada segmento, sendo o Gestor da Unidade de Ensino membro nato.

Na Escola Estadual de Educação Básica de Pariconha, que foi o alvo dos estágios III e IV, dois professores são os responsáveis por lecionar a disciplina História. Ambos são graduandos em História e trabalham como professores efetivos desenvolvendo disciplinas em suas áreas de formação. O professor Egnaldo Ferreira de Sousa Junior foi o supervisor encarregado nesse momento, o mesmo já trabalha a oito anos como docente e além da disciplina História, ele também leciona a disciplina Filosofia, com turmas de 2º e 3º anos do ensino médio. O professor Egnaldo é graduado em História pela AESA-CESA Faculdade de Arco Verde – PE com especialização em programação no ensino de História pela Universidade de Pernambuco (UPE), além de participar de cursos de formação continuada sobre as temáticas: povos indígenas, currículo e prática docente, o livro didático no ensino de história.

Além de planejar com antecedência as aulas, de acordo com o desenvolvimento de cada turma, ele relatou que a carga horária reservada ao planejamento é cumprida na escola, todavia, o planejamento ocorre também em outros lugares.

A realidade da Escola Estadual de Pariconha diverge significativamente da Escola Alice, tendo em vista que a professora Mayara tem formação em Letras, exigindo da mesma um exercício de auto-formação para ministrar aulas de História.

O livro didático é uma das principais ferramentas disponibilizadas pela instituição e utilizada pelo professor na sala de aula, todavia, o mesmo apesar de utilizar o livro didático como ferramenta em suas aulas, não se prende totalmente a ele e utiliza outras fontes para abordar o conteúdo. A maioria das aulas é feita com explicação e utilização de Datashow, possuindo o livro didático uma função de apoio na abordagem do conteúdo, através de exercícios e leituras complementares. A quantidade de livros ofertados pela escola é suficiente para todos os alunos, no entanto, alguns não trazem, ocasionando-se em uma tarefa difícil de trabalhar somente com esse material. O lúdico, que é uma ferramenta despertadora de interesse e interação nas aulas também é desenvolvido, na maioria das vezes com a utilização de vídeos e imagens, pois, essa ferramenta pedagógica é de grande relevância. O intuito é utilizar as mídias digitais contextualizando com textos e com o livro didático. A apropriação

do conhecimento através do lúdico quebra uma barreira para o ensino porque torna o passado algo “próximo”, e promove uma interação do aluno com o conteúdo.

Associando as atividades lúdicas com a inserção de tecnologias no fazer docente, oportuniza-se o acesso e mediação com o conteúdo, além de viabilizar o processo de ensino-aprendizagem mútuo entre professores e alunos, com problematização do conteúdo e do espaço escolar. Quanto às dificuldades encontradas no desenvolvimento desses estágios: o número excessivo de alunos por sala e o calor absurdo (conforme relatado na descrição da estrutura física da escola) não é uma dificuldade, mas é um fator complicador no desenvolvimento das aulas.

As avaliações do processo desenvolvimento/aprendizagem dos alunos realizadas pelo professor são pautadas na observação da participação dos alunos durante a aula, atividades em sala, trabalhos em grupo, atividades com texto, seminários, debates e provas. A decisão da forma como avaliar é um trabalho discutido em grupo. O professor possui o domínio sobre o conteúdo que ensina, sendo que a contextualização dos conteúdos no quesito espaço e tempo é um fator complicador para o ensino e aprendizagem dos alunos.

Essas foram algumas características que foram identificadas na observação do trabalho desenvolvido pelo professor supervisor do estágio na Escola Estadual de Educação Básica de Pariconha. Uma observação pautada no professor, em sua relação com os alunos, nos planejamento das aulas e no cotidiano das salas, evidenciando os conflitos e problemas desse cenário complexo, dinâmico e desafiador.

Seguiremos agora com algumas características físicas e comportamentais que também foram identificadas nas observações e desenvolvimento dos Estágios III e IV. Dentro das salas, como é de costume em outras escolas, as cadeiras ficam sempre perfiladas, uma atrás da outra e a do professor de frente para todas (Figura 11), no entanto, com a chegada dos alunos e do professor, essas mesas e cadeiras são colocadas em formato de círculo (com pouca organização) que transparece um cenário coletivo na condução das ideias que surgem ao longo da aula (Figura 12).

As paredes de dentro das salas são limpas com alguns pequenos rabiscos (nomes próprios, apelidos, palavrões, frases, desenhos, etc.) são algumas representações que transparece uma demarcação de território. Eles procuram dessa forma legitimar o ambiente com suas marcas e símbolos. É uma forma de registrar a presença, ou pertencimento a esse ambiente. São manifestações que devem ser levadas em conta pelos professores que atuam ali

dia a dia, como também pela própria instituição que na maioria das vezes só relaciona essas manifestações com atos de vandalismo.

Figura 11 - Interior da sala observada “2º ano A”



Fonte: Acervo pessoal de Cleyton Junior de Jesus Xavier

Figura 12 - Interior da sala observada “2º ano B”



Fonte: Acervo pessoal de Cleyton Junior de Jesus Xavier

Quando as primeiras duas aulas terminam, é hora do intervalo, no lanche uma sopa ou outro alimento, e a alegria transparece na maioria dos alunos. Meninos e meninas conversando, olhando celulares, tirando fotos, rindo e brincando. Esses 10 minutos de intervalo parecem ser os mais esperados e mais divertidos de todo o dia de aula. Os celulares são os acessórios tecnológicos mais utilizados pelos alunos, possuindo uma faixa etária entre 16 e 17 anos é notório a utilização entre quase 100% dos mesmos, todavia, alguns com mais frequência do que outros. Fotos, jogos e aplicativos de acesso a redes sociais são as principais funções utilizadas pelos alunos nesses aparelhos.

Essa nova cultura digital, insere as tecnologias que reconfiguram tanto o fazer docente principalmente na dimensão da inovação metodológica como explica Bittencourt (2011, p. 107) “[...] os atuais métodos de ensino têm de se articular às novas tecnologias para que a escola possa se identificar com as novas gerações, pertencentes à cultura das mídias”.

Em um dos momentos observados, quando o professor se ausenta da sala, os alunos começam a agir de forma totalmente diferente de quando estavam em sua presença. O barulho aumenta, as conversas começam, alguns sentam desordenados, com os pés em cima das carteiras, apelidos, palavrões e risadas vão sendo trocados entre eles, tornando-se uma tremenda algazarra. Nesse sentido, a ausência do professor reflete como um momento de libertação para alguns alunos. O barulho e a bagunça também transparece neles um semblante de alegria, pois alguns rostos demonstram não se sentir à vontade nesse ambiente, que é muitas vezes monótono e pouco cativante.

As próprias salas apertadas, com suas janelas revestidas de grades de ferro por fora, para a proteção externa (Figura 13), transparece um ambiente de “aprisionamento” a quem está do lado de dentro. Temos em mente que esses procedimentos são feitos como forma de segurança para a instituição e para as pessoas que se encontram ali, todavia, um ambiente com essa estrutura também pode transparecer para alguns um cenário de “encarceramento”, “prisão”. São pequenos detalhes, mais que sem dúvida possuem grande relevância, quando se trata de um ambiente escolar.

Durante o desenvolvimento dos Estágios e com a realização das observações participantes foi possível evidenciar, como também, vivenciar o cenário de “aprisionamento” que a estrutura física dessa escola proporciona. Transparece uma experiência de isolamento, onde estamos vivendo em um mundo dentro da escola e existe outro do lado de fora. Esse é um fator que pode passar despercebido pela instituição, no entanto, influencia diretamente no

trabalho do professor, como também, no aprendizado dos alunos, pois um ambiente agradável, onde ambos se sintam bem, ajuda no desenvolvimento das atividades, relações e trocas de conhecimentos que ali se manifestam e estabelecem.

Figura 13 – Grades de proteção das janelas



Fonte: Acervo pessoal de Cleyton Junior de Jesus Xavier

A Escola Estadual de Pariconha, realidade empírica da pesquisa na realização dos dois últimos estágios possui muitos fatores que diferenciam a mesma, em comparação a Escola de Educação Básica Alice Oliveira Santos, palco dos dois primeiros estágios³. Quanto à questão de espaço físico, na escola Alice, por se tratar de uma escola do campo, na zona rural do município de Água Branca – AL possui um ambiente aberto, espaçoso, com um grande pátio central, que transpõe um cenário de liberdade. Já na escola estadual, que é localizada na zona urbana, no centro da cidade de Pariconha – AL, o ambiente físico muda totalmente. A grande quantidade de salas, com suas janelas revestidas de grades e um pequeno pátio no centro, transpõe um cenário de aprisionamento para quem está dentro dela.

Nessa pesquisa também foi identificado uma diferença de comportamentos com os alunos das duas escolas, principalmente no intervalo entre as aulas, onde os mesmos saem das salas para o pátio. Na escola Alice a maioria dos alunos possuem certa “timidez” ao

³ O propósito desse trabalho não é fazer um estudo comparativo entre as duas escolas, todavia, foi necessário fazer algumas pontuações entre as diferenças encontradas nas mesmas, que trazem relevância para o desenvolvimento da pesquisa.

conversar, brincar, e até para pegar a merenda. Enquanto na escola estatual a maioria dos alunos se comportam de forma mais “enérgica”, eufóricos, e dispostos a buscar seu pertencimento nesse espaço. São diferenças identificadas através das observações, que não serão analisadas com aprofundamento nesse trabalho, mais que posteriormente podem ser o objeto de uma nova pesquisa.

Foram quatro Estágios Supervisionados desenvolvidos para atender a grade curricular do curso de História Licenciatura na Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus do Sertão, que além de fazer parte da minha formação acadêmica, se revelaram como um ambiente fértil de pesquisas e análises, que ajudam a entender o cenário que se insere essa profissão, como também, ajuda na construção de uma identidade docente, proporcionando ao estagiário seu pertencimento nesse ambiente, ciente do seu papel social a ser desenvolvido.

4. LEGALIDADE X REALIDADE: Reflexões sobre as divergências e convergências do Estágio Supervisionado em História.

A profissão docente nos dias atuais é bastante desafiadora diante do contexto plural, diverso e dinâmico que a mesma se encontra. Permeado pelo constante conflito de ideias entre professores e alunos. As salas de aulas fechadas e monótonas tornam-se lugares pouco atraentes. E nesse sentido o ensino de história também encontra dificuldades diante de sua prática exercida dentro e fora dos muros escolares, onde um dos vilões parece ser o “método tradicional”, caracterizado pelo uso de aulas expositivas e de alguns materiais pedagógicos: lousa, giz e livro didático (BITTENCOURT, 2011).

Nesse sentido, o desenvolvimento do estágio é de suma importância, para se conhecer a realidade prática das salas de aulas. Segundo Pimenta (2008): O estágio sempre foi identificado como parte prática dos cursos de formação de profissionais, em contraposição à teoria. Dessa forma, a profissão docente deve ser encarada como um desafio a ser transformado, diante da realidade muitas vezes precária existente na educação pública.

As reflexões sobre as aulas desenvolvidas nesse estágio possibilitam identificar e analisar, algumas características do contexto social do aluno que é carregado por eles para o interior das salas de aula (COSTA, 2006). As personalidades de cada um, seus símbolos, seus gostos, seus gestos, seus modos, seus comportamentos, são fatores que os legitimam, constituindo a identidade de cada um, e que deve ser levado em conta pela escola e pelo professor ao desenvolver seu trabalho na sala de aula.

O estágio é momento onde a teoria e a prática se intersectam de forma conjunta no trabalho desenvolvido pelo futuro docente, ou seja, o estágio é teoria e prática e não teoria ou prática (PIMENTA; LIMA, 2008). Esse diálogo entre esses dois conceitos deve existir dentro da ação pedagógica do professor. Apesar dos cursos de formação docente possuírem em sua maioria um currículo estruturado com uma carga horária maior a discussões teóricas dentro das universidades, essa formação também necessita ser prática, dado que, deve existir uma ação docente que contemple as experiências de seu futuro campo de atuação, ou seja, as salas de aula.

Com relação ao sentido prático da ação docente Pimenta; Lima (2008, p.41) trazem o seguinte:

De acordo com o conceito de ação docente, a profissão de educador é uma prática social. Como tantas outras, é uma forma de intervir na realidade social, no caso por meio da educação que ocorre não só, mais essencialmente, nas instituições de ensino. Isso porque a atividade docente é ao mesmo tempo prática e ação.

Sendo assim, podemos entender o estágio como um caminho necessário a formação docente, tendo em vista que, é o momento onde se estabelece um sentido prático de ação que se desenvolve entre os atores dentro do âmbito educacional. Prática e ação essas, relacionadas aos modos como se desenvolvem as maneiras de educar e os diversos modos comportamentais dos sujeitos dentro das instituições de ensino.

Tendo em vista o propósito de apresentar nesse estudo alguns dados sobre o desenvolvimento dos estágios supervisionados e de que forma eles refletem na formação do professor de História. Os dados observados e coletados traduzem como a realização de uma pesquisa analítica descritiva das manifestações contidas no ambiente escolar, principalmente observando a relação professor/aluno. A complementariedade da auto reflexão e o conhecimento de si na prática da docência que pode ser encarado como uma ferramenta que desperta no mesmo uma postura investigativa de questionamentos e reflexões que contribuem para sua formação.

A pesquisa no estágio, como método de formação de futuros professores, se traduz, de um lado, na mobilização de pesquisas que permitam a ampliação e análise dos contextos onde os estágios se realizam; por outro, e em especial, se traduz na possibilidade de os estagiários desenvolverem postura e habilidades de pesquisador a partir das situações de estágio, elaborando projetos que lhes permitam ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observam (PIMENTA; LIMA, 2008, p. 46).

Dessa forma o estágio supervisionado pode ser entendido como um momento crucial de uma formação docente, que além de possuir essa finalidade, o mesmo oferece uma abertura de possibilidades e produtividade para quem o realiza de forma coesa e responsável. Tendo em vista que ajuda no enriquecimento e desenvolvimento intelectual do futuro professor. A relação professor/aluno e teoria/prática vão atuar como moldes na construção identitária dos agentes dentro desse espaço.

Conforme apresentado no início desse trabalho, o Estágio Supervisionado deve ser desenvolvido obedecendo a normas e procedimentos estabelecidos pelos documentos que o regem e asseguram sua legalidade. Professores, alunos e as instituições que participam de todo esse contexto, possuem um conjunto de obrigatoriedades para que o mesmo se desenvolva e atenda aos objetivos definidos. Sendo assim, a maioria das normas e procedimentos relatados na caracterização do estágio converge com a realidade prática desenvolvida no campo de atividades. Todavia, ainda é perceptível, e foram identificado nesse

trabalho de pesquisa, algumas falhas em sua execução que sem dúvida podem ocasionar prejuízos no sentido de desenvolvimento ensino-aprendizagem para o aluno na formação docente. Sendo assim, cabe aqui ressaltar algumas convergências evidenciadas entre a legalidade e a realidade na prática do estágio.

No Manual Acadêmico de Estágio Curricular do Curso de Licenciatura Plena em História (2013) em seu Art. 15, que trata do acompanhamento do professor orientador, deixa bem claro que essa atividade deve ter como base duas modalidades: Direta e semi-direta, onde a primeira com um acompanhamento contínuo nos campos das práticas e a segunda com um acompanhamento de co-participação e intervenção pedagógica.

Além disso, em seu Art. 16, que trata das competências dos envolvidos no estágio, o mesmo manual diz que os professores orientadores devem: “Manter-se em contato permanente com todos os envolvidos nas atividades dos Estágios Supervisionados, quer sejam os alunos- estagiários, quer sejam os responsáveis pelas instituições concedentes”. Todas essas normas e procedimentos visam o bom desenvolvimento dessa atividade prática do curso, e que o mesmo possa atender aos objetivos pedagógicos estabelecidos nos documentos oficiais que regem o Estágio Supervisionado.

Todavia, dentro da realidade, foi evidenciado nesse trabalho de pesquisa, uma deficiência por parte dos professores orientadores dos estágios. Nos quatro estágios desenvolvidos e que fazem parte desse trabalho de pesquisa, nenhum teve o acompanhamento do professor orientador no campo de atividades e todas as dúvidas e orientações eram realizadas dentro da universidade. Esse fato pode acarretar alguns prejuízos para o estagiário, quanto ao seu desenvolvimento e aprendizagem obtidos com o estágio, pois, a falta do professor orientador no momento da atividade, para intervir e auxiliar quando necessário, pode gerar uma insegurança ao aluno estagiário, ficando na dúvida, se está desenvolvendo de forma correta e satisfatória todas as atividades.

Sendo assim, é possível perceber que nem sempre a realidade ocorre em consonância com a legalidade, deixando algumas lacunas quanto à execução do estágio. Nesse sentido, deve existir por parte do professor orientador um maior comprometimento com as todas as etapas dessa disciplina, dado que, é necessário um desenvolvimento responsável, coerente e bem planejado, para que o Estágio Supervisionado atinja seus objetivos pedagógicos com os alunos do curso.

E por outro lado, é necessário que o aluno estagiário, mesmo que diante de algumas dificuldades, esteja disposto a cumprir com responsabilidade todas as etapas, normas e procedimentos, a fim de, aprender com a vivência da realidade prática, as nuances e desdobramentos de sua futura profissão.

4.1 MOLDES DE UMA PROFISSÃO: Impactos do Estágio Supervisionado na construção da minha identidade como professor de História

O trabalho docente é bastante desafiador, diante do contexto e dimensões onde a educação ocorre. O ambiente escolar funcionando como um organismo vivo, formado pelas diversas identidades que o constitui, é o mesmo espaço que professores e alunos estabelecem um conflito de ideias e resultam na produção de conhecimento histórico.

Nesse ambiente instigante e ao mesmo tempo estressante, o docente deve estar sempre disposto a repensar suas práticas de ensino, agindo como professor pesquisador. Ele deve manter uma formação continuada através de estudos e pesquisas que possibilitem sempre uma atualização diante da dinâmica da sociedade.

Os conhecimentos científicos adquiridos pelo professor nos seus estudos e pesquisas se complementam com o conhecimento escolar vivenciado no dia a dia da sala de aula. Sendo esses, os formadores da identidade docente. Uma identidade que está em constante transformação, adquirindo sempre novos sentidos e legitimidade.

Essa identidade docente é construída em seu percurso como profissional do magistério, todavia, em seu processo de formação é que são estabelecidas as opções e intenções legitimadas pelo seu curso e profissão (PIMENTA, 2011). Tendo em vista que a identidade de uma pessoa é um molde flexível construída ao longo da vida, com experiências pessoais e coletivas que se estabelecem em seu âmbito social. Nesse ínterim, a identidade profissional necessita de espaços de formação que contribuam com essa construção.

Entendemos que uma identidade profissional se constrói a partir da significação social da profissão, da revisão constante dos significados sociais da profissão, da revisão das tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas, práticas que resistem a inovações porque prenes de saberes válidos às necessidades da realidade. Ainda, do confronto entre teorias e práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias. Se constrói, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere a atividade docente no seu cotidiano, a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida,

de suas representações, de seus saberes, de suas angustias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor. Assim como a partir de sua rede de relações com outros professores, nas escolas, nos sindicatos e em outros agrupamentos (PIMENTA, 2005, p. 12)

Sendo assim, a “bagagem” de experiências e aprendizados do professor começa a ser adquirida desde os primeiros passos como alunos, onde se desenvolvem relações sociais e trocas de conhecimentos com os atores ali presentes, todavia é dentro da universidade que está uma base forte de sua formação como futuro docente. Todas as leituras, teorias, discussões, debates, trabalhos, oficinas, professores, colegas de turma, enfim, todo esse aparato de relações e ideias dentro da universidade faz parte de um conjunto de ações que refletem na nossa formação, como também, funcionam como moldes de uma construção identitária docente.

Todavia, para o estudante universitário, esse conjunto de fatores, só começa a fazer sentido, quando nos deparamos com o contato direto com os alunos dentro das salas de aulas no desenvolvimento dos estágios. Selma Garrido Pimenta afirma: “O estágio como campo de conhecimento e eixo curricular central nos cursos de formação de professores possibilita que sejam trabalhados aspectos indispensáveis à construção da identidade, dos saberes e das posturas específicas ao exercício profissional docente” (PIMENTA, 2011, p. 61).

Ainda segundo Pimenta (2011):

O curso, o estágio, as aprendizagens das demais disciplinas e experiências e vivências dentro e fora da universidade ajudam a construir a identidade docente. O estágio, ao promover a presença do aluno estagiário no cotidiano da escola, abre espaço para a realidade e para a vida e o trabalho do professor na sociedade (PIMENTA, 2011, p. 68).

Transitamos da condição de aluno na universidade, para a condição de professor dentro do estágio. Essa prática dialógica que se estabelece nesse contexto no sentido e origem da reflexão do futuro do docente rememorando teorias debatidas na academia, como também, proporciona o aprendizado a partir da experiência de vivenciar as relações físicas e emocionais dos atores ali presentes.

Essa vivência do campo de trabalho, onde convivem pessoas com subjetividade individualizada, problemas e soluções, angustias e alegrias, choros e sorrisos, ou seja, uma imensidão de sentimentos associados à diversidade cultural, de gênero e religiões ali presentes, vão fazer com que o professor reflita a ação pedagógica. Essa atitude reflexiva desperta no mesmo um novo olhar, um novo pensamento que se lança sobre suas ações, com uma ótica diferente, mais aguçada e lapidada, que contribua no desenvolvimento de práticas de ensino eficientes fundamentadas nos objetivos almejados.

Cada experiência vivida é um aprendizado e um novo passo no caminho da construção identitária do professor. Esse exercício de observação e ação prática no desenvolvimento das aulas durante o estágio possibilitou notar algumas características importantes que contribuem na formação de futuros docentes. Procurar sempre se manter tranquilo e seguro diante das situações, utilizar o tom de voz respeitando os alunos, procurando sempre ter o controle da turma e em alguns momentos se necessário exercer um pouco de “autoridade” para lidar com alguns alunos que não demonstram interesse em fazer as atividades propostas, representam bem essa ideia.

A experiência vivenciada na realização dos quatro Estágios Supervisionados oportunizou conviver com uma variedade de alunos, sendo eles oriundos de diversas comunidades, nos coloca constantemente o desafio de trabalhar com suas diferentes linguagens, discursos e representações. Cada observação, cada aula desenvolvida, teve uma troca de experiência e aprendizado que me fez refletir ainda mais sobre a profissão docente.

Os impactos dessa experiência me fez pensar o Estágio Supervisionado, como um divisor de águas para quem faz um curso de licenciatura plena. Há quem apenas quer um diploma de nível superior e há quem quer de fato seguir a carreira como professor. Nesse caso, o estágio é o momento em que essa dúvida ou incerteza se esclarece. Essas foram algumas constatações no desenvolvimento dos Estágios Supervisionados com os alunos e com os professores supervisores, que possibilitou entender um pouco desse campo plural e dinâmico que é a sala de aula. Uma atividade prática que se faz necessária na formação do acadêmico e que conseqüentemente funciona como uma ferramenta moduladora de uma identidade docente.

Referindo-se ao fortalecimento da identidade profissional docente, a mesma, está ligada diretamente as condições de trabalho e ao reconhecimento e valorização atribuídos pelo âmbito social (PIMENTA, 2011). Sendo assim, todo o contexto em que o docente está inserido: curso, estágio, aprendizagem teórica das disciplinas, experiências promovidas pelas relações de vivência dentro e fora da universidade, contribuem para sua construção pessoal.

É esse conjunto de fatores que moldam diariamente e constroem a identidade docente. Uma identidade que se apresenta sempre flexível e em constante desenvolvimento, aberta a novos saberes e conflitos, tendo em vista o pluralismo de ideias e valores que o campo de atuação nos apresenta: sempre com novas experiências, novos aprendizados, novos sentidos e resignificados.

Mesmo que existam algumas falhas de desenvolvimento na realização do Estágio Supervisionado, ou a euforia e o desejo de realizar uma aula dinâmica tenha se transformado em frustração, foi só a partir do estágio e dessa vivência prática que consegui me enxergar e me sentir como um professor. Nesse sentido pode-se afirmar que o conhecimento de si como preconiza os teóricos do campo de Estágio supervisionado ocorreu.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola na atualidade é convidada a se reinventar como locus de ensino-aprendizagem. Muito se discute sobre escola nova, moderna, relacionada com a modernidade. Mas, no âmbito público a situação em muitos locais é bem diferente. O que acarreta numa possível marginalização futura de cidadãos excluídos do conhecimento, e por consequência da sociedade capitalista que exige hoje um alto nível de conhecimento científico para o mercado de trabalho.

Aprender é sempre bom, interessante, mas estudar numa escola pública com pouco recurso didático se torna uma obrigação, o que dificulta o trabalho do professor e consequentemente no aprendizado dos alunos, como nas escolas “palco” dos estágios desenvolvidos, vítimas do histórico sucateamento do ensino público no país.

Aprender como já foi dito é convidativo, no entanto, estudar não permeia como algo atrativo e interessante para muitos alunos. As escolas onde se desenvolveram os estágios enfrentam algumas dificuldades nesse sentido por causa de seus recursos didáticos reduzidos. Como estudar uma célula apenas com desenhos nos livros? Ou como ter acesso às tecnologias do mundo globalizado em uma sala de informática que não existe computadores? As informações se processam melhor quando ganham sentido prático para a vida, mas o que se vê são alunos pelos corredores preocupados com seus aparelhos celulares e com seus relacionamentos virtuais e fantasiosos desse mundo fragmentado que vivemos hoje.

São as pedagogias culturais presente na vida dos jovens e crianças, que através de seus aparatos tecnológicos e financeiros se apresentam de uma forma sedutora e irresistível (SILVA, 2006). A isso pode ser somado à falta de interesse por parte de alguns alunos pelo conhecimento oferecido pela escola, mas deve ser levada em conta a pobreza de muitos que não enxergam a mesma como possibilidade de ascensão social e a própria escola com uma pedagogia baseada fortemente no quadro branco e pincel.

O desenvolvimento dos estágios se torna de extrema importância no sentido de possibilitar o estreitamento entre a universidade e o meio educacional em que os futuros docentes serão introduzidos e tomar conhecimento dos problemas existentes, sobretudo evidenciando de forma presencial as principais dificuldades e as relações estabelecidas entre professores e alunos que constituem a escola. É de fundamental importância, para que possam aprofundar os conhecimentos do que acontece e do que deve acontecer dentro das salas de

aulas, chegando de tal modo a presenciar uma realidade prática que em muitos momentos se torna conflituosa com as teorias debatidas na academia. De acordo com o professor João de Deus:

É, foi de extrema relevância, porque, porque no Estágio Supervisionado você vai quebrar o que é fantasiado na graduação, por que você ver com muita teoria, e quando você vai para o Estágio Supervisionado, você ver que a teoria não condiz com a prática, onde o professor que vai ministrar as aulas, ele tem que trabalhar com a realidade na qual o aluno está inserido, uma realidade onde a escola está inserida, para que possa atingir um objetivo, então é muito fantasiosa a ideia que se passa na academia, ou seja, na universidade, e quando eu me deparei foi bom para com que eu pudesse ter de fato essa visão do que é a educação dentro da sala de aula. (2019, Entrevista com João de Deus)

Sendo assim, o Estágio Supervisionado atua como uma atividade de fundamental importância na formação pedagógica do futuro licenciado. É o elo entre os saberes apreendidos na academia e a prática real nas escolas públicas. Com tudo, a academia precisa aproximar seu aluno das realidades e limites da educação pública atual, com vários problemas e dificuldades na esfera do ensino/aprendizagem dos alunos, com os quais esse acadêmico necessitará ter contato. Assim, o Estágio Supervisionado obrigatório seria mais proveitoso e racional, dado que, o acadêmico poderá encontrar profundas dificuldades de competências dos alunos no campo linguístico e matemático, o que pode inviabilizar a exposição da teoria relacionada à prática trazida por ele ao ambiente escolar.

Por fim, a Universidade precisa estar em contato com a pedagogia e seus avanços na educação básica, para que seja evitada a marginalização de pessoas que não conseguem compreender as exigências acadêmicas. O que falta é essa ponte entre acadêmico, pedagogia escolar da educação básica e sua universidade.

Diante das colocações apresentadas nesse trabalho e das experiências vivenciadas, o estágio se revelou como um momento de descobertas, desafios e reflexões no caminho percorrido pelo docente, onde a teoria e prática se colocam como ferramentas indissociáveis na compreensão das relações que ocorrem no ambiente escolar e que são indispensáveis para a atividade profissional e construção de uma identidade docente.

6. REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel (org.). **Formação reflexiva de professores. Estratégias de supervisão.** Porto Portugal: Porto Editora LDA, 1996._____.Professores reflexivos em uma escola reflexiva. São Paulo: Cortez, 2003.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação.** Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BITENCOURT, Circe Maria Fernandes. In: **Ensino de História: fundamentos e métodos.** 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL. Lei Nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. **Dispõe sobre o estágio de estudantes.** Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm> Acesso em 09/02/2020, 17h29min.

BRASIL. Alagoas. Resolução Nº 71/2006 – CONSUNI/UFAL, de 18 de dezembro de 2006. **Disciplina os estágios curriculares dos cursos de graduação da Ufal.** Disponível em < https://ufal.br/estudante/graduacao/normas/documentos/resolucoes/resolucao_71_2006_consuni> Acesso em 10/02/2020, 15h22min.

COSTA, Marisa. Paisagens escolares no mundo contemporâneo. In: SOMMER, Luís; BUJES, Maria Isabel. **Educação e Cultura Contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens.** Canoas: Ed. ULBRA, 2006.

Escola Estadual de Educação Básica de Pariconha. **Projeto Político Pedagógico (PPP),** Pariconha/AL, 2017.

FREITAS, Maria Sônia. **História Oral: Possibilidades e Procedimentos.** 2ª edição, São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GVIRTZ, Silvina; LARRONDO, Marina. Repensando la relación entre educación, escuela y culturas contemporâneas. In: SOMMER, Luís; BUJES, Maria Isabel. **Educação e Cultura Contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens.** Canoas: Ed. ULBRA, 2006.

LAKATOS, Eva. Maria, MARCONI, Marina Andrade. **Fundamentos da Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas S.A. 2008.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade; **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragem e técnicas de pesquisa, análise e interpretação de dados.** São Paulo: Atlas, 1982.

LUDKE, Menga; ANDRE, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MICELI, Paulo. Uma pedagogia da História?. In: **O ensino de História e a criação do fato.** – 14. Ed. – São Paulo: Contexto, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido. Estágio: diferentes concepções. In: **Estágio e docência.** – 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 23-57.

PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e construção da identidade profissional docente. In: **Estágio e docência.** – 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido. Professor pesquisador: mitos e possibilidades. **Contrapontos** – vol. 5 – n. 1 – p. 09-22 – Itajaí, jan./abr. 2005.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência.** São Paulo/BRA: Cortez, 2008.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula.** 9. ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. O saber e o fazer históricos em sala de aula. In: **Ensinar História.** – São Paulo: Scipione, 2004.

SILVA, Tomaz. **Documentos de Identidade:** uma introdução às teorias do currículo. Canoas: Ed. ULBRA, 2006. Pp. 85-150.

Universidade Federal de Alagoas. **Projeto Político Pedagógico do Curso de História Licenciatura – Plena (PPP),** Maceió/AL, 2009.

Universidade Federal de Alagoas. **Manual Acadêmico de Estágio Curricular do Curso de Licenciatura Plena em História,** Maceió/AL, 2013.

FONTES ORAIS

SOUZA, Mayara Adriely Lima de. [Abril de 2017]. Entrevistador: Cleyton Junior de Jesus Xavier. Água Branca/AL. 10 de Abril 2017.

SANTOS, João de Deus Moreira. [Março de 2018]. Entrevistador: Cleyton Junior de Jesus Xavier. Água Branca/AL. em 15 de Março de 2018

APÊNDICES

APÊNDICE A – Transcrição da entrevista realizada com a professora Mayara Adriely Lima de Souza em 10 de Abril de 2017 em Água Branca/AL.

Entrevistador: Mayra eu queria que você se apresentasse, dissesse sua formação e a Instituição que você trabalha.

Mayara: Meu nome é Mayara Adriely Lima de Souza, minha formação é em Letras, Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Alagoas, trabalho na instituição Escola Alice Oliveira Santos no Distrito Alto dos Coelhos, é, atuo a um ano mais ou menos na instituição, só nessa instituição, e sou responsável pelas turmas, pelas aulas de História do 6º ao 9º ano, somando da oito turmas.

Entrevistador: Mayara você já participou de algum curso de formação continuada?

Mayara: Eu conclui o curso de Letras a pouco tempo, então ainda não participei de nenhum curso de formação continuada.

Entrevistador: Mayara, como ocorre o planejamento das suas aulas?

Mayara: Bom, o planejamento das minhas aulas eu planejo em casa com antecedência, com bastante antecedência, até porque como não é minha área, eu também tenho que estudar, eu me sinto na obrigação de estudar, é, e eu também tento planejar as aulas de acordo com o nível da minha turma, então, de acordo com aquela turma, como aquela turma se desenvolve é que eu vou planejar minha aula. Então, o nível de dificuldade será de acordo com o nível da turma.

Entrevistador: Mesmo você sendo formada em Letras, você leciona a disciplina História nessa escola. Você julga ter o domínio do conteúdo que ensina? E o que julga não ter o domínio?

Mayara: Eu não tenho domínio do conteúdo de uma forma geral, mais sobre o que eu ministro na sala de aula, eu tenho o domínio, porque estudo com antecedência, eu não levo na hora ou de um dia para outro, eu planejo com bastante antecedência, então eu julgo ter domínio no que eu dou em sala de aula, mais em outras questões eu não tenho domínio.

Entrevistador: Mayara você trabalha com o lúdico? Se sim, qual a relevância de se trabalhar com essa ferramenta em sala de aula?

Mayara: É muito interessante trabalhar com o lúdico na sala de aula, só que a questão, a dificuldade de trabalhar com o lúdico é que além da escola não oferecer tanto suporte pra isso, as turmas também, tem turmas que não tem como a gente trabalhar o lúdico, e assim, a gente sempre tenta levar uma atividade diferenciada, dependendo da turma, e do conteúdo também, para tentar desenvolver melhor a aula, só que, no entanto, eu acho, eu tive bastante dificuldade de trabalhar com o lúdico, então eu tento levar um caça-palavra, uma cruzadinha, alguma atividade assim.

Entrevistador: E o livro didático, como é que se dá a utilização dele na sua aula?

Mayara: O livro didático, ele não é o único instrumento que eu utilizo na sala de aula, então, o livro didático eu utilizo em momentos que eu quero apenas fortalecer o conteúdo, quando eu quero trazer, quando eu quero complementar o conteúdo eu utilizo o livro didático, até porque os alunos não tem acesso ao livro didático, cada um o seu, então o livro didático é apenas utilizado na escola e depois de utilizado deixado na escola, então não tem como ter essa dinâmica de levar pra casa, responder alguma atividade em casa entendeu? Tem que ser tudo na escola, então a gente não tem essa dinâmica com eles, o que torna tudo ainda mais complicado.

Entrevistador: Mayra, quais são as maiores dificuldades para a realização de sua aula?

Mayara: Para a realização da aula tem muitas dificuldades, por que em primeiro lugar além de ter essa questão da gente já levar o conteúdo, de copiar alguma coisa que toma bastante tempo, é, e não ter tantos recursos como Datashow pra gente passar alguma coisa, tem a questão de indisciplina, os alunos não queriam, tinha aluno que queria, mais tinha aluno que não queria, tem várias questões, eu acho que o que predomina mesmo foi à indisciplina, porque qualquer coisa que a pessoa falasse na sala de aula, estava pegando no pé, e a gente tentando se manter educado, manter uma conversa legal com os alunos, tem aluno que não quer, quer apenas ser certo dizendo que a pessoa está pegando no pé, enquanto você só quer que ele aprenda, que ele participe da aula.

Entrevistador: Mayara, para você qual é o principal objetivo da aula de História?

Mayara: Olhe, eu não tenho o domínio para dizer, como eu não tenho o estudo em História, eu tento nas minhas aulas, no meu ver, fazer uma ponte entre o passado que eu estou

ensinando em História e o presente, então eu sempre procuro fazer com que eles observassem aquela coisa lá do passado, aquele assunto lá do passado interfere hoje no presente, como ela está presente nos dias de hoje, então eu sempre tento fazer essa ponte.

Entrevistador: Com relação às questões de avaliação, como são feitas as avaliações na sua aula? Questão de critérios, recuperação, atividades?

Mayara: Olha, eu uso vários critérios de avaliação, uso prova, uso trabalhos, tem projetos pedagógicos, mais a prova eu posso dizer que é a que menos vale pontos, passo trabalhos, atividades, é, alguma apresentação de seminários, alguma pesquisa também, eu sempre tento levar algum trabalho diferenciado para não ficar só na prova.

Entrevistador: As formas de avaliação são impostas pela escola, ou você tem autonomia para essa tarefa?

Mayara: Eu sempre tive autonomia, a escola deixa bem livre pra gente escolher como a gente quer avaliar os alunos.

Entrevistador: Mayara, como você ver a invasão das culturas contemporâneas, celulares e outros meios tecnológicos dentro da sala de aula?

Mayara: Eu acho interessante o uso de ferramentas tecnológicas dentro da sala de aula, é a partir do ponto que seja usado como fim didático e não como um fim de recreação, porque, a partir do momento que a gente usa como fim de recreação, se uma pessoa tiver maturidade para entender qual é o tempo de estudar, é, vai entender que naquele momento só vai estudar, mais se a pessoa não tiver maturidade pra entender isso, aquilo ali já vai mudar para recreação, então, mais eu não tenho muita coisa para dizer, pois aqui ainda não tem internet disponível para professores, nem para os alunos.

Entrevistador: Mayara, para você como professora de História, quais são os principais problemas que você encontrou na escola e dentro da sala de aula?

Mayara: Além do suporte da escola em questão de materiais para ministrar as aulas, é, tem a questão como eu já falei da indisciplina, tem a questão de brigas, não só com o professor, mais também entre os próprios alunos, alguns alunos não se respeitam, tem aluno que não tem respeito pelo professor, tem aluno que não tem respeito pelo colega, então, eu acho que isso é a maior dificuldade pra mim.

Entrevistador: Mayra, como é o seu relacionamento com seus alunos?

Mayara: Eu posso dizer que o meu relacionamento com eles é bom, eu tento tratar todos da mesma forma, embora, é, tem alguns que a gente tem uma maior dificuldade porque eles não dão abertura para isso, então, assim, você trata o aluno bem, mais ele não te trata da mesma forma, entendeu? Eu tenho muita dificuldade, eu tenho muitos alunos desse jeito, mesmo tratando bem, tem momentos que eu tenho que ser mais rígida pra me impor, porque se não a gente acaba sendo dominada por eles.

Entrevistador: Para finalizar, eu queria que você como professora de História me dissesse como você encara essa profissão.

Mayara: Não só como professora de História, mais também como professora de Língua Portuguesa, a profissão docente é um desafio, você sempre tem que está se atualizando sobre aquilo, sempre vai ter alguma inovação no seu meio, não só no meio de História, mais em qualquer outra profissão que envolva o trabalho docente, você tem que estar sempre se inovando, sempre pesquisando, sempre buscando novas estratégias para ensinar aquele conteúdo e também o ensino, a forma de ensinar sempre vem se modificando, né, ontem a gente ensinava de uma forma, tinha um jeito de ensinar, uma didática, hoje essa didática tem que ser diferente, de acordo com os parâmetros que nos são impostos, então, eu acredito que é um desafio, porque você sempre tem que estar ali pesquisando e buscando passar o melhor para seus alunos.

APÊNDICE B – Transcrição da entrevista realizada com o professor João de Deus Moreira Santos em 15 de Março de 2018 em Água Branca/AL.

Entrevistador: João, para começar eu queria que você se apresentasse, falasse sua formação.

João: Bom, meu nome é João de Deus Moreira Santos, eu me graduei em História, fui aluno da Universidade Federal de Alagoas, e há sete anos que eu estou exercendo a docência, e não tenho o que reclamar não, só tenho a agradecer, eu pensei que nunca viesse para a sala de aula, mais me realizo dentro da sala de aula.

Entrevistador: Então você formado na Universidade Federal de Alagoas, e qual é a instituição que você trabalha?

João: A instituição em que eu trabalho é, na Escola Alice Oliveira Santos e tá com uns três anos que eu estou aqui na escola.

Entrevistador: João, na instituição em que trabalha, é responsável por quantas turmas?

João: Na Escola Alice Oliveira Santos que eu trabalho, sou responsável por oito turmas de 6º ao 9º ano do ensino fundamental II.

Entrevistador: João, você já participou de algum curso de formação continuada?

João: É, no momento eu não participei de formação continuada, mais eu sinto a necessidade dessas formações continuadas, para que o professor possa estar sempre se atualizando, embora que nossa classe tem um medo danado de fazer essas formações continuadas, porque eu não sei, qual é o empecilho que eles não tentam fazer, mais seria interessante que a rede municipal sempre tivesse colocando em prática a questão da formação continuada, de extrema importância.

Entrevistador: Certo, João como ocorre o planejamento das suas aulas?

João: O planejamento, ele é feito semanal e mensal e tem o planejamento coletivo, na qual a gente se reúne com o coordenador, para que possamos passar pra ele o que vai ser feito a cada mês na sala de aula.

Entrevistador: João, você julga ter o domínio do conteúdo que você ensina? E o que julga não ter o domínio?

João: É, o domínio o professor tem que ter, o conteúdo quando ele não tem aquele certo domínio, ele tem que procurar estudar, para com que ele possa passar com firmeza para o aluno, se o professor não tiver o domínio, essa questão de conscientização que ele sabe o conteúdo, então o aluno não vai se frustrar, o aluno não vai dizer o professor não sabe, por isso para o professor é determinante que ele faça o estudo para que possa ter esse domínio, porque se não, o aluno é muito sábio, ele percebe quando o professor não está preparado, e quando ele tem o domínio, a sala de aula não vira uma bagunça, então assim, eu me intitulo como uma pessoa que, é, que tem o domínio da sala de aula.

Entrevistador: João, você trabalha com o lúdico? Se sim, qual a relevância de se trabalhar com essa ferramenta de ensino dentro da sala de aula?

João: é, bom o lúdico, ele é bastante interessante, mais só que diante da realidade na qual nós estamos inseridos, que é, por ser uma escola rural, eu trabalho mais a questão do livro didático

e a questão dos vídeos que eles, eu peço para com que eles possam ver, é, fora da sala de aula, em casa, mais a dificuldade da ludicidade é porque a rede municipal de educação não tem esse aparato todo para que possamos trabalhar de fato a ludicidade, então, essa é a minha, é, objeção a não trabalhar com o lúdico por conta disso, por que deveria a escola ou a rede oferecer o material para que pudéssemos trabalhar a ludicidade, por isso que eu me esquivo muito da questão da ludicidade por conta disso.

Entrevistador: E como se dá a utilização do livro didático na sua aula?

João: O livro didático é a ferramenta na qual o aluno tem para com que possa trabalhar, então com o livro eles fazem a leitura prévia do conteúdo todo, assim eu passo a mastigar o conteúdo pra eles, ou seja, explicar cada título, cada item, para que eles possam entender e compreender, se não tiver essa explanação do professor, o aluno já não gosta muito de História, e se o professor não tiver esse domínio, essa clareza, e não puder passar pra ele, fica difícil de ter uma boa aula de História.

Entrevistador: João, quais são as maiores dificuldades, que você encontra na realização de suas aulas?

João: É, a maior dificuldade que eu encontrei na sala, é a questão dos alunos ter aversão a História, porque deveria desde a base ele vim se preparando e entendendo que a História é uma ciência que estudada o ser humano para que ele possa entender o presente, eu acho também por conta que nas séries anteriores, por conta dos professores terem essa aversão a História, querer não estudar a História aí tem essa dificuldade, mais, é, com o conhecimento e estudo eles vão mudando essa concepção de História.

Entrevistador: João, pra você qual é o principal objetivo da aula de História?

João: O principal objetivo da aula de História é, passar para os alunos o que aconteceu em tempos passados, para com que eles possam aprender e tentar compreender o presente, por que se eles não tiverem esse entendimento da cronologia do tempo, não vão assimilar a História, por isso que é bom que entendam o que foi passado e vivido pelos antepassados para com que eles possam melhorar.

Entrevistador: João, com relação a questão de avaliação, como são feitas? Critérios, recuperações, atividades, como são feitas?

João: As avaliações elas são feitas, tem a avaliação bimestral e também tem a participação do aluno em sala de aula, tem a questão da avaliação no caderno com as atividades respondidas,

e a recuperação, é, deveria ser paralela, cada bimestre, mais não ocorre em cada bimestre, ocorre semestral, para com que possamos, é, fazer com que o aluno recupere aquela nota perdida no primeiro e no segundo, assim acontece.

Entrevistador: João, as formas de avaliação são impostas pela escola, ou você tem autonomia para essa tarefa?

João: Nós temos no caso, autonomia para fazer essas avaliações, mais no PPP da escola tem a questão das normas que o professor tem que se adequar, caso o coordenador perceba que a forma de avaliação não está sendo a contemplar o aluno, aí é onde tem a intervenção do coordenador, tem que ter essas ferramentas de avaliação para que o aluno seja contemplado, que não seja tirado o direito dele fazer as avaliações, ou seja, que era para ser paralela, todo bimestre o aluno deveria fazer uma avaliação, ou seja, uma recuperação paralela ao bimestre.

Entrevistador: João, como você ver a invasão das culturas contemporâneas, no caso celulares e outros meios tecnológicos dentro da sala de aula?

João: É uma ferramenta que fazendo bom uso auxiliaria o aluno, mais o que acontece, os professores ainda não tão preparados para trabalhar com essas ferramentas, só se ver o avesso das redes sociais e da tecnologia, mais temos que ver com outros olhos, porque é uma ferramenta na qual o aluno poderia fazer busca, poderia se debruçar no conteúdo proposto pelo professor, poderia procurar outras fontes, mais só que não é visto dessa forma, o que se vê é, um, professores brigando com o aluno para não fazer o uso quando é um momento inadequado, mais se soubesse o celular pra com que pudesse fazer o certo, é um grande avanço na sala de aula, mais só que não é feito dessa forma, a questão é essa, e também o aluno não sabe usar para o bem.

Entrevistador: João, para você professor de História, qual é a relevância do conteúdo que você ministra dentro de sua sala de aula?

João: É de extrema relevância, porque faz com que o aluno seja provocado, e compreender o que foi vivenciado pelos nossos antepassados e quando eles passam a entender determinado acontecido, eles passam a procurar usando, agora eu volto atrás, usando as tecnologias pra com que possa ter acesso e quando o professor passa o conteúdo e pede para com que eles façam essa pesquisa, quando eles ver que o professor passou aquele conteúdo e ele se interessou, eles buscam, e quando eles chegam fazem perguntas ao professor, diz professor pesquisei determinado conteúdo e disse assim assado, aí o professor vai e dialoga com o

aluno, então é muito interessante, por isso tem que ser assim, o professor passar bem, para que o aluno se sinta motivado, porque o professor tem que ser provocador dessa motivação, porque o aluno por si só não consegue essa motivação para estudar, então, é, nós professores somos espelho para o nosso alunado, porque diante da determinação, como você passa o conteúdo, como você se prepara para a sala de aula, isso vai refletir no aluno, o aluno também vai se sentir motivado a estudar para se preparar para aquela aula, porque a aula é boa, o professor domina o conteúdo.

Entrevistador: João, para você professor de História, quais os principais problemas que você enfrenta na escola e dentro da sala de aula?

João: É, problemas, os problemas maior que enfrentamos na sala de aula é quando o aluno aqui não chega alfabetizado, a questão é essa, porque, História requer leitura e interpretação, então o problema é esse, quando chega o aluno que não é alfabetizado e o professor tem que procurar mecanismos pedagógicos para que possa ajudar aquele aluno para não ficar também assim, na área do esquecimento e mais um, é, analfabeto diante de tantos que acontece, então o maior problema da escola é esse.

Entrevistador: João, como é o seu relacionamento com seus alunos dentro da sala de aula?

João: O relacionamento dentro da sala de aula com meus alunos é muito bom, porque eu procuro manter a empatia, assim, eu sempre procuro está no lugar do meu aluno para que eu possa compreender o que ele está passando, porque nunca existe um aluno que é disperso na sala de aula e não tem um motivo, quando eu percebo que o aluno não tá, é, prestando atenção nos conteúdos propostos, não tá participando, eu procuro sentar com aquele aluno e saber o que vem acontecendo, então assim, eu procuro ter esse constante contato com o aluno, e assim resolver o problema, e olhe que quando eu faço isso, eles se sentem acolhidos e participam, porque os relatos que eu ouço dos alunos quando eu procuro sentar com eles é, muito, muito triste, então a gente se sensibiliza.

Entrevistador: João, como você professor de História encara essa profissão?

João: Rapaz, é, eu encaro como um, com maior entusiasmo, porque pra mim é uma realização, apesar de no início eu nunca querer ir para uma sala de aula, eu fui para fazer o magistério, é, por acaso, falei que nunca iria estar numa sala de aula, então, eu tinha uma aversão a sala de aula, então, eu ouvia os meus professores falar e tal, eu tinha uma aversão muito grande, e é tanto que eu mordi minha língua e acabei dentro da sala de aula, e outra, eu

gosto do que faço, por que se não eu já tinha abrido mão e tinha saído, mais eu gosto, eu gosto de exercer a profissão na qual eu estou fazendo.

Entrevistador: João, para concluir, de que forma sua experiência de estágio atuou na sua formação acadêmica?

João: É, foi de extrema relevância, porque, porque no Estágio Supervisionado você vai quebrar o que é fantasiado na graduação, por que você ver com muita teoria, e quando você vai para o Estágio Supervisionado, você ver que a teoria não condiz com a prática, onde o professor que vai ministrar as aulas, ele tem que trabalhar com a realidade na qual o aluno está inserido, uma realidade onde a escola está inserida, para que possa atingir um objetivo, então é muito fantasiosa a ideia que se passa na academia, ou seja, na universidade, e quando eu me deparei foi bom para com que eu pudesse ter de fato essa visão do que é a educação dentro da sala de aula.

Entrevistador: João, a gente está finalizando aqui, eu queria lhe agradecer pela entrevista, muito obrigado.

João: Eu que agradeço você ter vindo aqui, é uma forma de contribuir para a universidade e também para o graduando que aqui está, e espero que esse estágio que você fez possa ajudar muito na sua formação docente.